

IF – FESTEJAM A MENTIRA

Série de obras fasci fantásticas vol. III

GABRIEL CALDERÓN

(2018)

Tradução: Wallyson Mota e Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

IF – FESTEJAM A MENTIRA

Dia 20 de janeiro de 2021 – 20h

Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

Ficha Técnica:

Dramaturgia: Gabriel Calderón (Uruguai)

Direção: Carlos Canhameiro

Tradução: Wallyson Mota e Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Emilene Gutierrez, Fábía Mirassos, Nilceia Vicente e Wallyson Mota

Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Assistente de Produção: Melina Marchetti

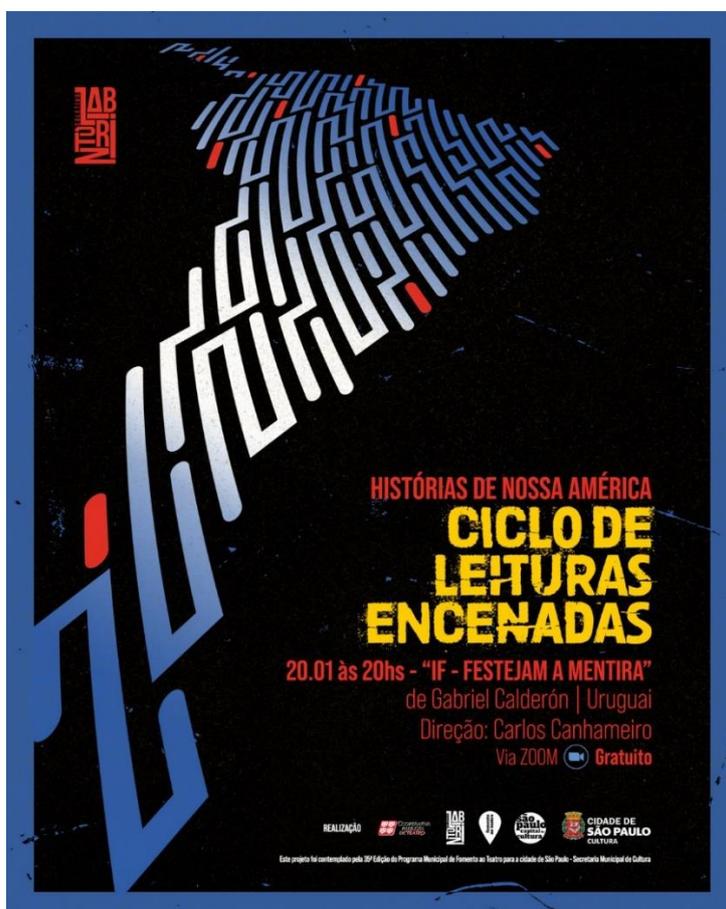
Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

[@coletivo.labirinto](https://www.instagram.com/coletivo.labirinto)



Ao meu avô

"Tudo é demasiado frágil, tudo tende a morrer"

SARTRE

"E se fomos enganados? Será necessário que nos tornemos enganadores?"

NIETZSCHE

"E embora seja uma loucura, tem sua razão de ser."

ONETTI

"A verdade é que em meio século, uma família deveria mergulhar na sombria massa da humanidade e esquecer por completo seus antepassados. O sangue humano, para se manter saudável, deve correr por canais ocultos, assim como a água de um aqueduto é conduzida por canos subterrâneos.

O homem está disposto a cometer todas as coisas vis, a acumular crime após crime, apenas para construir um edifício grande e sombrio no qual ele possa morrer e no qual seus descendentes serão desgraçados. Ele enterra seu cadáver nas fundações da casa, por assim dizer, e pendura seu carrancudo retrato na parede, tornando-se o mau-caráter da família, e ainda espera que seus bisnetos sejam felizes. "

NATHANIEL HAWTHORNE

PERSONAGENS

GISELLE

DAHIANA

CARLA

GLÓRIA

GUSTAVO

PRÓLOGO

GISELLE: Meu avô contava histórias. Muitas, de qualquer gênero, de qualquer duração. Quando terminava de me contar uma história, sempre me dizia, espera, tem mais, sempre tem mais. Uma vez, me contou a seguinte história:

“Dizem que quando o primeiro conde da dinastia Vlad tinha que resolver um assunto difícil, fazia um pedido e ia até um determinado ponto da floresta, acendia uma fogueira, dizia algumas orações e aquilo que ele queria se realizava. Quando, uma geração depois, o conde Vladislav II encontrou-se frente a outro assunto difícil, se dirigiu até esse mesmo ponto na floresta e disse: "Agora não sabemos mais acender uma fogueira, mas podemos dizer as mesmas orações", e seus desejos também se realizaram. Uma geração depois, o príncipe Vlad Taps III se viu na mesma situação, foi à floresta e disse: "Já não sabemos acender a fogueira, já não sabemos pronunciar aquelas orações, mas conhecemos o lugar na floresta, e isso deve ser o suficiente." E de fato, foi o suficiente, porque seus desejos também se realizaram. Mas quando, passada outra geração, o conde Mircea Vlad I teve que enfrentar a mesma tarefa, permaneceu em seu castelo, sentado em seu trono dourado, e disse: "Já não sabemos acender a fogueira, já não somos capazes de recitar as orações e nem sequer conhecemos mais o lugar na floresta: mas, ao menos, sobre tudo isso, podemos contar uma história". E, mais uma vez, isso foi suficiente.”

Meu avô dizia que bastava que alguma coisa fosse contada para que, de alguma forma, em algum lugar, ela voltasse a acontecer. Eu estou nervosa porque nunca contei a história que vou contar essa noite. Mas, de certa maneira, faz parte da minha natureza narrar isso. Carrego isso, como dizem, no meu sangue. Quando meu avô, meu avô morreu... perdão... Quando meu avô contava histórias, as contava diferente, as contava melhor, contava elas assim:

(Lendo uma carta de seu avô) Olá, neta. Vou morrer e por isso te escrevo esta carta. Quando você a ler, provavelmente já estarei morto, mas não há nada com que se preocupar, com certeza será uma morte normal, tranquila e em paz. Tive uma vida maravilhosa, cheia de prazeres e oportunidades e morrer será uma boa maneira de finalizá-la. Ficam contigo minhas histórias...

*Giselle sai. Dahiana entra em cena ouvindo **Total Eclipse Of The Heart** de Bonni Tyler em seus fones de ouvido.*

PRIMEIRA PARTE PRIMEIRO ENGANO

O CAPITAL

Um vaudeville contemporâneo

Sala de espera e acompanhantes de um velório. À esquerda do palco, uma porta que se comunica com a sala onde se encontra o caixão do morto. À direita está um corredor que leva aos banheiros, a um café, à administração, à capela e à saída. Na sala há um quadro de uma paisagem, propaganda de um cemitério particular. Mesa de centro com uma planta artificial e folhetos de serviços. Sofás em todo o salão.

1.

Dahiana (a neta) está sentada sozinha ouvindo uma música em seus fones de ouvido. Parece adormecida ou morta, apenas parece. De repente, se levanta com um sobressalto, respirando muito forte. Instantes depois, entra Carla (sua mãe) e arranca seus fones à força.

CARLA - Tira isso, boba.

DAHI - Para! O que você tá fazendo?

CARLA - É uma falta de respeito.

DAHI - O quê?

CARLA - Seu avô acaba de morrer e você está aí ouvindo música.

DAHI - O que tem de errado?

CARLA - Que não tem nada de certo, isso tem de errado.

DAHI - Que importância tem pra você o que eu faço?

CARLA - Claro... Que importância tem para mim? Se pra mim não tem importância nenhuma o que acontece com você, dá tudo na mesma. Não me importo que enquanto todos nós estamos sofrendo, você esteja aí, largada, como uma morta, fugindo, como uma alienada...

DAHI - Ninguém tá sofrendo.

CARLA - Sofremos, à nossa maneira, sofremos. E você também sofre, do seu jeito e se esconde ouvindo música e não chora, e chorar te faria bem, derramar uma lagriminha para não ser tão esquisita e tão fechada.

DAHI - Chora você, se gostava tanto dele assim.

CARLA - Não é por amá-lo que você tem que chorar. Você tem que chorar porque é o que se faz em um funeral e porque chorar faz bem e alivia e você pode aproveitar e melhorar e liberar um pouco essas tristezas adolescentes. Aproveita, já que você está num velório e seu avô morreu e, mesmo não gostando dele, chora.

DAHI - Chora você, chata.

CARLA - Eu não posso chorar, não posso me dar ao luxo de chorar porque tenho que organizar isso aqui porque ninguém faz nada. Chora, vai, chora! Chorar vai te fazer bem, você não tem que sentir, tem que fazer. Para de parecer um zumbi e pareça normal.

DAHI - Tá aí! Era isso! Parecer normal. Que ninguém perceba que somos anormais. Que terrível! Que horror estar fora da norma! Parecer normal é a única coisa que importa aqui.

CARLA - Porque você é normal, você é super normal. Você é uma adolescente que odeia o mundo, que está com raiva de sua família, que detestava seu avô e que fica conectada o dia todo. Você é o grau máximo da normalidade. Você quer dar uma de durona, de esquisita, mal-educada, grosseira, e

então fica parecendo mesmo grosseira e sem educação, e fica feio pra mim, que não tenho nada a ver com isso, e que não sou nem grosseira, nem mal-educada.

DAHI - Tá aí! Tudo é sobre você.

CARLA - Se coloca um pouco no meu lugar. Um pouquinho, vai. As pessoas vão vir e vão dizer “é culpa da mãe que a educou que nem o rabo dela porque era muito novinha quando a teve e não sabia o que fazer” e eu, que sim era muito nova e que me que me virei do avesso para te educar bem, vou ficar desmoralizada porque você é uma grosseira e porque não está nem um pouco interessada no que os outros podem pensar de sua mãe e de você.

DAHI - Não tem ninguém aqui.

CARLA - Eu tô aqui.

DAHI - Ah bom, nesse caso, você tem razão, porque eu não estou nem aí pro que você pensa de mim.

Carla lhe dá uma bofetada.

DAHI - Não, é, claro, você me educou maravilhosamente bem.

CARLA - Me desculpa.

DAHI- Me deixe em paz.

CARLA - Me desculpa.

DAHI - Tô com fome.

2.

Gloria (a avó) entrando com um andador.

GLORIA - Que dia de merda pro seu pai morrer, vou te contar.

CARLA - Não chora mais mãe.

GLORIA - Não estou chorando.

CARLA - Você pode vir aqui?

GLORIA - Mas você não vê que estou indo? Mais rápido não posso e se for mais rápido eu caio, quebro meus joelhos, ou quadris, ou a coluna, e terão que cuidar de mim pelo resto da vida, me levando ao banheiro a cada 5 minutos, porque agora eu vou ao banheiro a cada 5 minutos, vão sabendo, porque vocês têm que me ajudar, porque eu me canso e faço nas calças, e se andar mais rápido, eu caio e morro, e já me colocam nesse caixão vazio, esse que vocês têm aí, que tem uma cara de confortável.

CARLA - Que caixão vazio?

GLORIA - Bem, o que estavam fazendo?

DAHI - Mamãe me batia, o vovô morria, é, nada, o de sempre.

CARLA - Como que o caixão está vazio?

GLORIA - Você bateu nela?

CARLA - Não, não bati.

DAHI - Sim, me bateu.

GLORIA - Bateu nela ou não?

CARLA - Foi um corretivo.

Gloria bate em Carla.

CARLA - O que está fazendo?

GLORIA - Um corretivo.

CARLA - Você me bate para eu não bater nela?

GLORIA - Não, te corrijo para que você não a corrija.

DAHI - Posso deitar no caixão, estou com sono.

CARLA - Não! É o funeral do seu avô, tem gente vindo, não faz a esquisita agora, temos que estar aqui, temos que parecer tristes.

DAHI - Mas não veio ninguém.

CARLA - Porque acabamos de chegar, porque é cedo, mas eles estão vindo.

DAHI - Quem os avisou?

CARLA - Não sei, o hospital, alguém daqui, não sei quem avisa.

GLORIA - Nem mesmo o morto apareceu.

CARLA - Não chama ele de morto, é o papai.

DAHI - E cadê esse morto?

CARLA - Papai!

DAHI - Não é meu pai.

CARLA - Vovô!

GLORIA - Ah, tudo bem, o papai, o vovô, o morto, o que seja, não está aqui, o caixão está vazio.

CARLA - Como você sabe que o caixão está vazio? Espera aí! Você abriu o caixão?

DAHI - Ah, vó, você não sabia que abrir caixões é proibido, que fere o bom gosto e que vai macular a nossa imagem na alta sociedade que virá, e que não espera que uma boa família como a nossa fique abrindo caixões?

GLORIA - Sim, abri para ver como era o caixão. Nunca vi um. E é lindo, o caixão é lindo, todo forrado, brilhante, perfumado. Até que coloquem seu pai e tudo apodreça, literalmente.

DAHI - Não falei que estava bom para tirar uma soneca.

CARLA - Chega.

GLORIA - A soneca eterna.

CARLA - Mãe, você também, se comporte.

GLORIA - Deve ter custado um dinheirão esse caixão, dá pra ver.

CARLA - Bom, vou pedir para as duas que se comportem, não tornem meu dia difícil, eu preciso que a gente se ajude, o vovô merece o nosso respeito.

DAHI - Eu não respeito nem um pouco, depois que ele me mordeu.

CARLA - Ah, não seja exagerada.

DAHI - Me mordeu, me mor-deu, o filho da puta.

CARLA - Eu falei pra você não se aproximar porque ...

DAHI - Porque ele mordia, você não me disse.

CARLA - Porque estava doente, não era mais ele!

GLORIA - O filho da puta não soltava um real, mas encomendou um belo de um caixão pra ele.

CARLA - Mamãe!

GLORIA - Tenho que ir ao banheiro.

DAHI - Tô com fome.

CARLA - Você fica!

3.

Gloria, começa a sair lentamente com o andador. Gustavo entra, carregando uma coroa de flores que diz "Seus amigos do Banco Nacional", em direção à sala do caixão.

GUSTAVO - Ho ho, as flores começaram a chegar.

CARLA - Você pode se situar, por favor?

GUSTAVO - Que foi? O que eu disse?

CARLA - Você parece o Papai Noel entrando com presentes de Natal "ho, as coroas começaram a chegar."

GUSTAVO - Bom, desculpa, achei a coroa bonita, olha só.

DAHI - Posso deitar um pouco no caixão?

CARLA - Não.

GUSTAVO - Sempre me perguntei quem envia essas coroas enormes. Alguém foi e escolheu essa, dá pra entender? Alguém se deu ao trabalho de pagar por isso. De entrar num lugar, escolher as flores, as cores e pagar um preço. Não são baratas. São lindas e quanto mais caras mais bonitas, é sempre assim. E essa é muito bonita.

DAHI - É horrível.

GUSTAVO - Cale a boca, mal-educada.

DAHI - Vem me calar, seu idiota.

GUSTAVO - Ainda bem que você não é minha filha, se não, você sabe onde te enfiava essas flores, não?

DAHI - Não sei, me mostra.

CARLA - Chega os dois. Leva essas flores pro lado do caixão.

GUSTAVO - Ah, fico meio assim com o corpo.

DAHI - O caixão está vazio.

GUSTAVO - Ah, ótimo.

CARLA - Não, ótimo não. Deixa a coroa e vai ver porque o caixão está vazio.

DAHI - Vai lá reclamar, dizer pra encherem nosso caixão.

CARLA - Não seja grossa.

4.

Gustavo sai, Glória entra.

GLORIA - Olha, tem uma moça aí querendo que eu assine uns papéis, falei que eu não assino nada. Ela disse que vem aqui para que você assine.

CARLA - Mas mãe, por que você não podia assinar? Ajuda um pouco, talvez seja por isso que não trazem o corpo.

Carla sai, Gustavo entra.

GUSTAVO - Ficou linda lá, agora trago outra que está lá embaixo.

DAHI - Outra o quê?

GUSTAVO - Outra coroa.

GLORIA - Muita coroa e pouco morto.

GUSTAVO - O que se faz com essas flores depois? Podem ser revendidas ou algo assim?

DAHI - Como assim vai revender as flores dos mortos?

GUSTAVO - Não estou falando para ganhar dinheiro, mas sabe o quanto custam essas coroas? Se alguém vier com uma ideia do que fazer com toda essa florada, e mesmo que seja um real por coroa que te deem ... Se pensar bem, não é ruim. Quantas coroas são compradas por morto? Pelo menos duas ou três e quantos mortos tem por ano? Centenas, milhares, sem falar que quando morre uma criança ou um presidente, ou alguém muito querido, as coroas se multiplicam como a culpa. Não, atenção, tem dinheiro aí.

5.

Gustavo sai, Carla entra.

CARLA - Não tinha ninguém lá fora.

GLORIA - Tinha.

CARLA - Não, não tinha ninguém.

GLORIA - Tinha sim.

CARLA - Bem, mas agora não tem.

GLORIA - Ah, então lá fora não "tem" ninguém, não "não tinha", porque tinha.

CARLA - Você pode ir dar uma olhada se tem alguém aí perguntando por nós?

DAHI - Eu?

CARLA - Não, sua avó, que adora andar rápido.

GLORIA - Que filha da puta você é. Você acha que ando devagar porque adoro?

DAHI - Não quero ir.

CARLA - E eu não quero que você não vá.

GLORIA - Tenho todos os ossos operados e a filha da puta acha que ando devagar porque eu gosto.

DAHI - Mas você acabou de ir e não tinha ninguém.

CARLA - Mas talvez agora tenha.

GLORIA - Filha da puta!

CARLA - Mãe não insulte.

GLORIA - Que cuzona que você é.

CARLA - Mãe comporte-se, estamos em um funeral.

GLORIA - Um funeral não é uma igreja, não é uma escola, não é um hospital, não é uma creche, não é o exército, não é um retiro espiritual. Podemos xingar, e diria mais, diria que um funeral é o lugar, por excelência, onde se pode xingar. Deus, o morto, a sorte, uma filha da puta que faz piadas de gosto duvidoso sobre a saúde de sua mãe.

DAHI - Desculpa, mas ao dizer “filha da puta” você está se insultando.

GLORIA - Por que você não escuta sua mãe, querida?

DAHI - Bem, ainda estou com fome, tem uma cantina aqui?

CARLA - Vai logo!

6.

Dahiana sai, Gustavo entra com uma coroa que diz "Os amigos do clube".

GUSTAVO - Essa aqui é maior e mais cara, com certeza.

CARLA - Quem a trouxe?

GUSTAVO - Não sei, estava ao lado da outra.

CARLA - Não entendo, mandam coroas mas não aparecem?

GLORIA - Ninguém gostava dele. Quem vai vir?

CARLA - Vão vir. Tinha gente que gostava dele.

GLORIA - Diga o nome de três.

GUSTAVO - Essas coroas são uma grana, então o amavam, porque senão não mandavam nada.

GLORIA - Três, digam-me, três!

CARLA - Não entendo porque não chegou ninguém.

GLORIA - Você não pode citar três.

GUSTAVO - "Os amigos do clube" tá no plural, aqui pelo menos temos dois.

GLORIA - Enviaram uma coroa, não quer dizer que o amavam.

GUSTAVO - Mas se compram uma coroa cara, de algum jeito, gostavam.

GLORIA - Fazem isso justamente para não precisar vir.

CARLA - Viemos mais tarde para não sermos os primeiros e mesmo assim ainda não tem ninguém.

GLORIA - Ahhhh ela, a rainha do baile, a debutante...

GUSTAVO - Queria um cortejo.

CARLA - Não é isso. Queria evitar tudo isso aqui, toda essa espera.

GUSTAVO - A verdade é que é comovente ver todo esse mecanismo que surge quando a gente morre, não? Como se essas coroas viessem por conta própria.

CARLA - Bom, se você está comovido, chora, vai, me ajuda e chora um pouco, assim já me livro de um problema.

GLORIA - Para que você quer que a gente chore? Não entendo.

CARLA - Porque alguém vai chegar e vai ver que nenhum de nós está chorando e vai pensar que a gente não amava o papai.

GLORIA - É que não o amávamos.

CARLA - Você não o amava, não verdade não o ama agora, mas antes sim. Com certeza você está triste também e no momento menos esperado você vai começar a chorar e vai fazer xixi na calça e aí você vai ficar toda molhada de cima a baixo e eu não vou trocar você.

GLORIA - Que filha da puta!

CARLA - Pare de xingar, mamãe!

7.

Gustavo sai e Dahiana entra e se senta com seus fones de ouvido.

CARLA - E?

DAHI - O quê?

CARLA - Viu alguma coisa?

DAHI - Tem uma cantina mas não tem nada gostoso, estou com vontade de um bife suculento.

CARLA - Estou perguntando se você viu alguém.

DAHI - Ah, onde?

CARLA - Lá fora!

DAHI - Não sei, não quis sair.

CARLA - Vai vir alguém, estou dizendo.

GLORIA - Não vai vir ninguém.

CARLA - Alguém vai vir.

GLORIA - Nem o morto vem.

CARLA - Não o chame de morto.

Gustavo vai de um lado para o outro em busca de mais coroas.

CARLA - Aproveita e vê se tem alguém aí fora. Me faz o favor?

GUSTAVO - Sim.

GLORIA - E a coisa do testamento é hoje?

CARLA - Mãe, por favor.

DAHI - Deixou algo pra gente?

CARLA - Por favor, não sejam grosseiras.

DAHI - Ele tinha mais dinheiro guardado, não?

GLORIA - Ninguém te ligou?

CARLA - Não vou falar de dinheiro no dia da morte do papai.

GLORIA - Ah que horrível, que falta de noção.

DAHI - Podia deixar algum dinheiro, não? Como uma compensação por ser um velho de merda.

CARLA - Você pode se acalmar, estou falando sério.

DAHI - Estou calma.

CARLA - Você não pode tratá-lo com um pouco de carinho?

DAHI - Que parte de “ele me mordeu” você não entende?

CARLA - A culpa foi sua, você sabia que ele estava doente e não sabia mais o que estava fazendo.

GLORIA - Bom, talvez venha um advogado ao funeral, esses quando tem dinheiro envolvido, sempre aparecem.

DAHI - Quanto dinheiro ele tinha guardado?

GLORIA - Muito dinheiro.

CARLA - Chega de falar de dinheiro!

8.

Gustavo entra com outra coroa que diz “Seus amigos de sempre, Cacho e Lito”.

GUSTAVO - O que custam essas coisas e não param de chegar coroas, e o dinheiro que se movimenta nessa indústria é uma coisa de louco!

CARLA - Você pode baixar a voz?

GUSTAVO - Desculpa, mas são muito lindas.

CARLA - Meu pai morreu, sabia?

GUSTAVO - Só achei bonito que ...

CARLA - Meu pai morreu!

GUSTAVO - Entendo.

DAHI - Sem noção

CARLA - Você viu como está feia essa sua mordida, né?

DAHI - E você o que tá me olhando?

CARLA - Você pôs alguma coisa?

DAHI - O velho de merda não conseguia nem ficar em pé, mas mordia como um filho da puta.

GUSTAVO - A mim ele não mordeu.

DAHI - Porque você é homem espertinho, claro que se eu fosse homem não me morderia nada.

CARLA - Vai olha isso num espelho, sério.

DAHI - Onde você quer que eu me olhe? É um funeral, aqui eles cobrem os espelhos.

CARLA - Do que você está falando? Vai no banheiro vai, estou falando sério.

9.

Dahi sai.

GLORIA - Quem são Cacho e Tito? Não tinha nenhum amigo com esse nome, bem, na verdade não tinha amigos.

Gustavo sai.

CARLA - Por hoje, só por hoje, você devia tentar não falar mal dele e lhe dar um pouco de carinho.

Pequena pausa.

GLORIA - Estou me mijando, já venho.

10.

Gloria sai. Entra Gustavo.

GUSTAVO - Quanta grana o velho tinha?

CARLA - Não fale de dinheiro, já te disse.

GUSTAVO - Por que não posso falar de dinheiro?

CARLA - Porque estamos em um funeral e se deve ter um mínimo de respeito.

GUSTAVO - Não, eu respeito seu pai. Você sempre me contou umas histórias que eu achava ótimas. Um cara duro, rígido. Você me disse que ele era milico, não?

CARLA - Ele não era milico, simpatizava com os milicos.

GUSTAVO - Eu também tenho simpatia pelos milicos.

CARLA - Sim, mas ele simpatizava porque tinha negócios com eles. Se pudesse fazer negócios com você, meu pai lhe teria simpatia.

GUSTAVO - Com os militares sempre dá para fazer negócios, são gente boa.

CARLA - Sempre dizia “meu amigo fulano” ou “meu amigo ciclano” e na verdade não eram amigos, eram pessoas com quem ele mantinha relações que envolviam dinheiro. Agora é igual, alguém te contrata e é uma boa pessoa, te demiti, e é um filho da puta. Amigos ou inimigos, na realidade todos, sempre estão falando de dinheiro.

GUSTAVO - Não, com os milicos se faziam bons negócios, eram caras diretos, claros, transparentes. Quando eu era menino, uma vez um milico me pegou e me disse uma coisa que eu nunca vou esquecer. Todos mentem, ele me disse. Seu pai, sua mãe, a garota de quem você gosta, seus professores, seus amigos, todos eles mentem e quando mentem para você, estão te tratando como um tolo. E se você deixa que eles mintam pra você, é porque gosta de ser tratado como um tolo. Ninguém te diz o que é isso aqui e isso é uma selva e estão te caçando, ninguém te diz que a única coisa que vale, ontem, hoje e amanhã é o dinheiro e que com o dinheiro você caça ou é caçado, ninguém te diz que a única coisa que realmente mostra quem você é, é como você sobrevive nesta floresta de cachorros com fome. Sempre me lembro desse "cachorros com fome". Todos estão buscando suas oportunidades, todos estão te contando histórias para te confundir, para te enganar e te pegar pelo pescoço, te sangrar pela nuca, como se faz com a comida na selva. Então se aproximou do meu rosto e disse: eu sou um militar e não estou aqui para mentir ou dizer a verdade, estou aqui para caçar mentirosos. Você é um mentiroso? Me disse. E foi embora. Sempre soube que aquele militar sabia das coisas. Não, os militares são gente de bem.

11.

Dahi entrando.

DAHI - Bem filhos da puta, eles são!

CARLA - Mas por Deus, você pode se acalmar?

DAHI - Ahhh "por Deus", você virou religiosa agora? Diz por Deus.

CARLA - Você olhou isso aí?

DAHI - Não dá pra ver nada, não sei, parece que eu não consigo me ver bem nesse espelho.

GUSTAVO - É que você não parece bem.

DAHI - Cale a boca, retardado.

GUSTAVO - Sabe com que rapidez eu resolvia esse probleminha, né?

DAHI - Que probleminha?

GUSTAVO - Você, você é o “probleminha”. Com essa cara de lunática, amarga que você tem...

DAHI - E o que você teria que resolver?

GUSTAVO - Um telefonema rápido para os meus amigos militares na época certa e você estaria ou bem-educada ou no caixão com o seu avô.

DAHI - Quando eu tiver dinheiro, vou mandar te matar e não preciso de uma outra época nem de militares. Uma faísca assim e faço uma revolução.

GUSTAVO - Revolução? Que faísca?

DAHI - Você precisa de um manual?

CARLA - Quando tiver dinheiro? E quando você vai ter dinheiro?

DAHI - Por herança, esse aí deve ter nos deixado algo.

CARLA - E para que você quer dinheiro agora?

DAHI - Para coisas, eu sei lá.

CARLA - Para que coisas? Se você não se importa com nada.

DAHI - Me importo com o dinheiro que o vovô nos tenha deixado

CARLA - Ah, olha só a interesseira que agora o chama de vovô.

DAHI - Você está super interessada, mas se faz de dissimulada.

CARLA - Tudo bem, se essa é a sua maneira de colocar pra fora, está bem. Algumas pessoas choram, outras descontam nos seus entes queridos.

12.

Gloria entrando com o andador.

GLORIA - Me mijei no corredor.

CARLA - Como assim “me mijei no corredor”?

GLORIA - Não dava tempo de chegar ao banheiro, não é culpa minha que coloquem os banheiros tão longe.

CARLA - Você mijou no corredor?

GLORIA - Bem, pra que tanto barulho, com certeza vem alguém limpar.

CARLA - Mas mãe, puta merda!

13.

Carla vai embora.

DAHI - Você mijou no corredor?

GLORIA - Não, mijei numa planta.

DAHI - Mijou em uma planta?

GLORIA - Num vaso enorme, ninguém vai notar, faz bem para a planta, é água com nutrientes.

14.

Carla entrando.

CARLA - Onde você mijou?

GLORIA - No corredor, ao lado da porta.

CARLA - Não tem nada lá.

GLORIA - Viu como eles limpam rápido?

Gustavo entrando com outra coroa.

GUSTAVO - Ei, não estão sentindo um cheiro de mijo aqui?

CARLA - Mas mãe, onde você mijou, puta que o pariu?!

15.

Carla sai.

DAHI - Vovó fez xixi numa planta.

GUSTAVO - Ah, olha que lindo!

GLORIA - De quem é essa coroa?

GUSTAVO - Não sei, está escrito (*procura a fita em que não se lê bem*) "Seus entes queridos".

GLORIA - E isso?

GUSTAVO - Você comprou isso?

GLORIA - Eu não comprei nada.

DAHI - Deve ter sido a mamãe.

GUSTAVO - Ou algum outro parente.

GLORIA - Que outro parente? Ele não tinha ninguém.

GUSTAVO - Talvez alguém tenha comprado em nome de vocês.

GLORIA - Então que nos devolvam o dinheiro.

16.

Carla entra, Gustavo sai.

CARLA - Mijou na planta, mamãe, já descobri.

GLORIA - Escuta, Sherlock Holmes, você comprou uma coroa para o seu pai?

CARLA - Não muda de assunto.

GLORIA - Não muda de assunto você. Você comprou uma coroa para o seu pai.

CARLA - Se me cobrarem alguma coisa, desconto dos seus remédios.

GLORIA - Tira de onde você tirou para comprar essa coroa.

DAHI - Mãe, por que você comprou uma coroa sem nos consultar?

CARLA - Eu não comprei coroa nenhuma.

DAHI - E quem então?

GLORIA - Foi essa puxa-saco que comprou, com certeza, pelas aparências.

CARLA - De onde imaginam que eu tiraria dinheiro para comprar uma coroa dessas?

GLORIA - Com certeza o advogado já te ligou e você já sabe o dinheiro que herdamos e como eu estou incapacitada e sua filha não tem 18 anos, você vai gastar o dinheiro das três vai saber em que idiotice e vamos estar na miséria outra vez, como seu pai nos mantinha.

CARLA - Você é uma máquina de dizer besteiras, não sei por onde começar a te responder.

GLORIA - Você é uma máquina de desperdiçar dinheiro.

CARLA - Você vai me matar, mamãe.

GLORIA - Bem, aí você tem um caixão livre.

18.

Gustavo cruza o espaço para continuar trazendo nas coroas.

GUSTAVO - Venda de coroas usadas. Já tenho o negócio montado. Colocamos uma banquinha ali fora e revendemos as coroas, colocamos níveis como: coroas frescas, de ontem, e queima de estoque. Vou ver se consigo umas coroas usadas aí fora.

19.

Gustavo sai.

CARLA - Bom, chega. Ninguém vai vir, não nos dão o corpo do papai e nenhuma de nós está chorando. Eu desisto.

20.

Giselle entra chorando mares.

GISELLE - Desculpem.

Silêncio.

CARLA - Olá.

Giselle tenta se conter, ninguém sabe quem ela é ou o que vai fazer. De repente, volta a chorar, primeiro um pouco e depois muito.

GISELLE - Eu realmente sinto muito.

Giselle chora. Gloria, Carla e Dahi se olham sem saber o que fazer. Giselle faz um gesto com a mão para impedir qualquer tentativa de que façam algo. Um gesto como uma pausa.

GISELLE - Desculpem, desculpem, mas não posso acreditar.

Giselle volta a chorar muito. Carla fica em pé e se aproxima com alguns passos, estendendo a mão como se quisesse ajudá-la, então Giselle se lança sobre Carla e a abraça, soltando um grito ainda mais alto que os anteriores.

GISELLE - Ai, quanta dor, quanta dor, que injustiça!

Carla fica dura com Giselle nos braços. Gloria e Dahiana olham para ela. Glória faz um gesto para saber quem é, Carla responde com outro gesto dizendo que não tem ideia. Giselle continua chorando em seus braços dizendo "que injustiça". Carla gesticula para que Dahiana venha ajudá-la, Dahiana hesita e se aproxima. Em seguida, Carla tenta recompor Giselle, quando esta vê que Dahiana se aproxima, se lança em seus braços dizendo "ai minha menina, coitadinha, a menininha do avô, coitadinha" Dahiana faz um gesto de que não pode segurar o corpo de Giselle, que é muito pesado. A avó não se levanta, a mãe se aproxima para ajudá-la. Giselle volta para os braços de Carla dizendo "Quanta dor, que injusto Deus, que injusto".

21.

Gustavo entra com 3 coroas enormes, mal consegue com elas, enquanto atravessa falando, não percebe toda a cena.

GUSTAVO - Eu digo e vocês caem matando em cima de mim, mas na época dos militares, sabe como funcionava? Como seria fácil conseguir coroas usadas, porque do jeito que os milicos gostavam, de coroas, de flores, de medalhas, de homenagens! Claro, eu digo isso e pareço um fascista.

Gustavo sai. Giselle vai até onde Gloria está e se joga no chão chorando.

GISELLE - Ah não acredito, quanta dor! Ele te amava tanto...

GLORIA - E essa aqui?

DAHI - Quem é?

GLORIA - Eu sei lá, uma amiga da sua mãe com certeza, são todas inconvenientes.

CARLA - Ela não é minha amiga.

DAHI - Será uma amiga do vovô?

GLORIA - Uma amiga, sim claro, já entendi o que é isso, eu já imaginava.

GISELLE - Não, não! Desculpem, não entendam mal. *(Se recompõe, tenta enxugar as lágrimas e parar de chorar)* Não quero que me entendam mal, mas não pensei que esse dia chegaria. Me dói muito, desculpem. *(Chora novamente)*

CARLA - Mas puta merda.

GLORIA - Tá vendo como você também insulta?

CARLA - Não enche mais meu saco, mãe.

GISELLE *(se recompondo)* - Não, por favor, não briguem, ainda mais por minha causa, ele não teria gostado.

GLORIA - Será que essa aí não errou de sala? Se tem uma coisa que o desgraçado do seu pai teria adorado, é que nós brigássemos.

CARLA - Mamãe!

GLORIA - É a verdade.

GISELLE - Não, como poderia errar? Eu conheço vocês, vi fotos e vídeos que ele tinha e guardava. Sua esposa, sua filha e sua neta, suas três grandes mulheres, como ele gostava de dizer.

GLORIA - Bem, nem todas, certo?

CARLA - É verdade, papai nos chamava assim.

DAHI - Eu não gostava.

GLORIA - Óbvio.

GISELLE - Desculpem pela minha entrada, não foi planejado assim, mas do mesmo jeito que pra vocês, a morte dele me bateu forte e não parei de chorar a manhã toda.

GLORIA - Ah, sim, aqui não temos lenços o suficiente.

22.

Gustavo entrando.

GUSTAVO - Ho, os convidados começaram a chegar.

CARLA - Pare de falar “ho” como se isso fosse um churrasco com os amigos.

GISELLE - Ah, o homem da casa.

GLORIA - Bom, antes tínhamos uma foto do João Paulo II colada na geladeira, isso foi o mais perto que chegamos de ter um homem na casa.

CARLA - Desculpe, senhorita, mas posso saber quem é você e como conhecia meu pai?

GISELLE - Ah sim, desculpem, que grosseria. (*Tirando alguns cartões e distribuindo-os*) Meu nome está neste cartão com todas as informações que vocês precisam.

CARLA (*lendo*) - Consultora de lutos?

GISELLE - Exato, Consultora de lutos.

DAHI - O que é isso?

GISELLE - Seu avô, seu pai, seu marido, ele sabia que para vocês isso ia ser muito difícil. Que não saberiam como enfrentar, por onde começar, como ligar e avisar parentes e entes queridos.

GLORIA - Ele não tem entes queridos.

CARLA - Quem disse isso? Eu posso organizar.

GISELLE - Bem, ele achava que não.

CARLA - Bem, ele estava errado.

GISELLE - E quem você avisou?

CARLA (*hesita*) - Elas.

GLORIA - Não, eu é que avisei você.

DAHI - Eu soube porque me ligaram daqui.

CARLA - Obrigada, meninas, vocês me comovem.

GISELLE - Não há do que se envergonhar. Ele as amava e queria o melhor, para que neste momento não se preocupassem com nada, e por isso ele pensou em tudo e contratou a mim, que sou muito chorona e que fico mal com essas coisas. Porque ele foi muito claro, me disse: "Tenho certeza de que ninguém vai chorar por mim porque essas mulheres não choram."

CARLA - Choramos sim, está falando besteira.

GISELLE - E então por que não choram?

CARLA - Chorei muito já. Agora ela vai chorar, olha:

DAHI - Não consigo chorar.

CARLA - Mas a puta que o pariu!

GLORIA - Foi você.

GISELLE - Também nos encarregamos de comprar as coroas.

GUSTAVO - Com razão, olha de onde vinha tanta coroa.

GISELLE - E temos o corpo retido no necrotério.

CARLA - Ah, bom, então já está tudo esclarecido, quando vão trazê-lo?

GLORIA - Me mijei.

CARLA - Mamãe!

GLORIA - Bem, o que quer? Não aguentei.

GISELLE - Agora só precisamos de uma assinatura e pronto.

CARLA - Tá bom, mãe, vamos trocar você.

GISELLE - Temos que falar sobre os detalhes para terminar o funeral.

CARLA - Minha mãe se mijou, não ouviu?

GLORIA - E o pai dela morreu, como você vê, não é um bom dia.

Dahi coloca os fones de ouvido, Carla os tira.

CARLA - Me ajude a levar sua avó.

DAHI - Está toda mijada.

GLORIA - Se não se apressar, vou estar toda cagada.

CARLA - Vamos!

23.

Carla, Dahi e Gloria saem.

GUSTAVO - Então foram vocês quem mandaram todas essas coroas?

GISELLE - Sim.

GUSTAVO - São muito lindas.

GISELLE - Sim.

GUSTAVO - E caras.

GISELLE - Sim, são boas coroas.

GUSTAVO - Sim, boas, lindas... E caras.

GISELLE - Sim.

GUSTAVO - O que fazem depois com as coroas?

GISELLE - Depois do quê?

GUSTAVO - Depois de depois, quando levam o morto... as coroas?

GISELLE - Ah bom, na maioria das vezes, as coroas acompanham o morto e o enterram com elas.

GUSTAVO - Com as coroas?

GISELLE - Sim.

GUSTAVO - Ah, que desperdício.

GISELLE - Às vezes não, às vezes devolvem, nós trazemos para cá e jogamos fora.

GUSTAVO - Para cá?

GISELLE - Sim.

GUSTAVO - Onde as recolhem?

GISELLE - Não sei, na garagem, onde chegam os carros funerários, acho que lá.

GUSTAVO - Ah olha só. Muito obrigado.

24.

Gustavo sai. Dahi entra.

GISELLE - Eu queria ver você.

DAHI - Eu? Por quê?

Giselle vai verificar seu pescoço.

GISELLE - Preciso ver.

DAHI - Sai! O que você está fazendo?

GISELLE - Preciso que você me escute atentamente ...

DAHI - Te escuto com atenção, mas não precisa me tocar.

GISELLE - Você tá sensível?

DAHI- Não.

GISELLE - Mas está se sentindo bem?

DAHI - Estou com muita fome, só isso.

GISELLE - Temos pouco tempo.

Carla gritando do lado de fora: "Mamãe, me ajude."

GISELLE - Me escuta: onde te mordeu?

DAHI - Quem?

GISELLE - Ele mordeu você, não foi?

DAHI - Quem é você? O que está querendo?

25.

Carla entrando com Gloria.

CARLA - Pode me ajudar com sua avó, que sozinha não dá?

DAHI - Sim. Mas ela...

GLORIA - Me ajuda.

CARLA - Bom, senhorita, mais alguma coisa ou já podem me dar meu pai?

GISELLE - Sim, a única coisa que falta é você assinar o contrato e damos por encerrado o serviço.

CARLA - Que contrato?

GISELLE - O funeral todo, as coroas, a cremação, incluindo a carta que ele deixou para vocês.

CARLA - Que contrato?

DAHI - Para nós?

GISELLE - Ele deixou uma carta com seus últimos desejos. É uma carta muito bonita, nós o ajudamos a escrevê-la, diz o que quer que façam com o seu corpo.

GLORIA - E o testamento?

CARLA - Mamãe!

GISELLE - Bem, então se concordam, assinamos o contrato e logo ...

CARLA - Mas de que contrato você está falando?

GISELLE - Nossos serviços.

Estende o contrato, Carla começa a lê-lo e cai sentada, em choque.

GISELLE - Esperamos que tudo tenha sido do seu agrado e que esta bebida amarga seja lembrada como um cálido momento.

CARLA - Mas estão me gozando?

GISELLE - É possível pagar no cartão, se quiser.

CARLA - Mas ele não deixou pago tudo isso?

GISELLE - Bem, é, ai que incomodo falar disso agora! Não, ele não deixou pago.

CARLA - É, me parece muito inconveniente que nos fale disso agora, não pode esperar?

GISELLE - Sinto muito, mas não, não podemos esperar.

CARLA - Meu pai morreu, senhorita.

GISELLE - Sim (*chora um pouco*) e é terrível, eu sinto muito, mas justamente porque morreu e não pagou é que preciso que alguém assine a fatura antes de entregar o corpo.

CARLA - E se eu não assinar?

GISELLE - Não poderemos lhe entregar o corpo e entraremos na justiça e vamos ganhar e vocês vão ficar sem corpo e na prisão. É horrível! (*Chora*)

CARLA - Estão sequestrando meu pai.

GLORIA - Que filhos da puta!

GISELLE - Seu pai havia deixado todas as despesas associadas a um cartão, mas hoje quando fomos fazer a cobrança, o cartão não aceitou, não tinha fundos, e tudo o que seu pai havia pedido era simples, mas caro. Não é nosso costume falar essas coisas nestes momentos, mas seu pai pediu para ser cremado e que suas cinzas fossem enterradas no jardim sob uma Araucária. É um pedido lindo, mas a Araucária custa dinheiro porque é uma árvore nativa, a cremação é cara e vocês vão entender que são despesas que cada família deve cobrir. A herança é importante.

CARLA - Calma, espera, cala a boca um pouco.

GLORIA - Eu não entendo, se esse homem estava nadando em dinheiro, não pode ter gastado tudo.

GISELLE - Bem, nós temos uma cópia da movimentação da conta, está aqui, anexada à carta que ele nos deixou. Mas não podemos fornecer essas informações até que vocês assinem o contrato.

CARLA - Olha, eu não vou assinar nada, leva essas coroas...

26.

Gustavo entra arrastando muitas coroas, aparentemente usadas e quebradas. Ele as leva para a sala do caixão.

GUSTAVO - Acabei de encontrar uma mina de ouro lá embaixo.

CARLA - Nada de ouro, nada de nada, estamos devolvendo as coroas.

GUSTAVO - Nem fudendo!

CARLA - Leve suas coroas, pode levar tudo!

GISELLE - As despesas já foram feitas, senhora.

DAHI - E o avô?

CARLA - Agora você está preocupada com seu avô?

GLORIA - Quero ir ao banheiro.

GISELLE - Senhora, alguém tem que pagar por todas as despesas e serviços que já prestamos.

DAHI - Estou com fome!

GLORIA - Não vou conseguir chegar até o banheiro!

CARLA - Faz na planta!

GLORIA - Quero fazer uma coisa que não dá pra fazer na planta.

CARLA - Acompanha sua avó até o banheiro.

DAHI - Eu não quero ir de novo lá.

CARLA - Por quê?

DAHI - Tem muita luz, meus olhos doem.

CARLA - Leva a sua avó ao banheiro, se não quiser que comece a doer outra coisa.

GISELLE - O banheiro é outro serviço que vocês têm que pagar.

CARLA - Você vai negar o banheiro a uma pessoa de idade?

GISELLE - Sinto muito, mas o banheiro é para os clientes e enquanto não assinarem, vocês não são clientes.

CARLA - Como são mesquinhos, eu não posso acreditar.

GISELLE (*meio chorosa*) – Eu não posso acreditar que vocês estejam fazendo isso no dia da morte dele, estamos todos mal, ele planejou um funeral lindo e você não quer assinar.

CARLA - Não chore, não chore, não chore no funeral do meu pai, é meu, não seu.

GLORIA - Estou me cagando!

CARLA - Vá ao banheiro, mãe!

27.

Dahi acompanha a avó para fora.

GISELLE - E também terão que pagar pelo que fizeram com a planta do corredor.

CARLA - Não vamos pagar nada.

GISELLE - Mas nós preparamos tudo tão lindamente.

CARLA - Me dá meu pai, que a gente vai embora!

GISELLE - Seu pai está no forno, eu não posso tirar.

CARLA - Tira do forno, eu não quero cremá-lo.

GISELLE - O forno tem uma programação, não posso parar, começa daqui a alguns minutos, tão lindo tudo o que tínhamos preparado...

CARLA - Quero o corpo do meu pai, quero um funeral com caixão aberto, quero chorá-lo.

GISELLE - Mas seu pai não queria isso.

CARLA - Mas ele morreu.

GISELLE - Se não o queimarmos, não.

CARLA - Me dê meu pai.

Uma sirene começa a soar.

GISELLE - Ui, está começando, seu pai vai ser queimado.

CARLA - Não!

28.

Carla sai, Dahi e Gloria entram.

DAHI - O banheiro está fechado.

GLORIA - Não seja filha da puta e abre o banheiro.

DAHI (*caindo no chão*) - Ahhh!

GISELLE - Que foi?

DAHI - Minha boca dói, algo dói nos meus dentes.

GISELLE - Está começando, preciso da permissão da sua mãe para te ajudar. Já estamos libertando seu avô, mas no seu caso, preciso da permissão de sua mãe para te curar.

DAHI - Para me curar?

GISELLE - Não há tempo.

GLORIA - Claro que não há tempo, estou prestes a me cagar inteira.

GISELLE - Você é a mãe da mãe, sua assinatura serve. Assina o papel para mim e eu abro o banheiro para vocês.

GLORIA - Eu não assino merda nenhuma.

29.

Carla entra.

GISELLE - A tradição diz que preciso da permissão de um parente para ajudá-las.

CARLA - De que tradição você está falando?

GISELLE - A tradição que explica porque ela gosta tanto de eclipses.

DAHI - Eu?

GISELLE - Sim, você, ele sabia que você gostava de eclipses, e por isso te pagou aquela viagem, ou não?

CARLA - Quem pagou o quê?

DAHI (*se fazendo de idiota*) - Não sei do que está falando.

GISELLE - Está tudo aqui no extrato da conta, e você poderá ver se assinar o contrato.

CARLA - Isso é extorsão.

GUSTAVO - Bom, tudo bem. Aquela sala está linda e cheia de flores e com um cheiro divino. Já fiz os cálculos e ali dentro tem um bom dinheiro.

GLORIA - Vem comigo, menina.

30.

Dahiana e Gloria saem na direção da sala ao lado onde está o caixão.

CARLA - Exijo que me entreguem meu pai. Eu não pedi nada disso.

GISELLE - Mas o seu pai pediu, é a última vontade dele e não se nega isso a um morto.

CARLA - Eu nego.

GISELLE - Não quer que ele descanse em paz?

CARLA - E para que descanse em paz, eu tenho que me endividar até a medula, para que o senhorzinho seja feliz como adubo de pinheiro?

GISELLE - Araucária.

CARLA - Não me importa!

GISELLE - E a carta que ele deixou pra vocês explicando como gastou o dinheiro?

CARLA - Não me interessa.

GISELLE - Não te interessa a viagem que ele pagou para a sua filha, o dinheiro que ele deu à sua mãe para uns remédios caríssimos, uns negócios em que se meteu com seu marido?

CARLA - Papai te emprestou dinheiro?

GUSTAVO - Era um negócio, era tiro certo, mas o Estado torna a vida impossível, mataram a gente com os impostos, quebraram a gente, filhos da puta, tem que prender todo mundo, com os militares era outra coisa, mas agora não dá.

CARLA - Mas eu não entendo ...

GISELLE - Ele tinha algo mais que uma doença, era uma sentença, ele tentou de tudo e gastou o incalculável, mas no final não conseguiu. No entanto, se vocês me ajudarem, ele, e principalmente vocês, vão descansar em paz. Olhem, o dinheiro não importa, tudo bem, o que importa é que você assine isso me autorizando e eu vou salvá-las.

DAHI - Mãe, a avó cagou na sala inteira!

GLORIA - Queria cagar no caixão, mas essa pentelha não deixou.

DAHI - É que eu vou deitar um pouquinho naquele caixão.

GISELLE - Não! Afastem a pequena do caixão, ela não pode dormir.

31.

Giselle sai, deixa cair um pedaço de papel.

GLORIA - Cuidado, que eu me limpei com as flores.

GUSTAVO - Não não não, isso é dinheiro!

32.

Gustavo e Glória saem. Carla vai até o papel que Giselle deixou cair e começa a ler. Depois de alguns segundos, Dahiana entra.

DAHI - Mãe, aquela senhora disse que eu não posso dormir, e estou com sono e com fome e... Mãe!

CARLA - Quê?

DAHI - Que é isso?

CARLA - O extrato bancário do seu avô.

DAHI - E o que diz?

CARLA - Que não tem dinheiro.

DAHI - Ah.

CARLA - Não entendo. Você tem ideia de por que ele precisava de uma viagem para a Romênia e um tour para a Valáquia?

Silêncio.

CARLA - Você sabe alguma coisa sobre isso?

DAHI - Alguma coisa...

CARLA - "Alguma coisa"... O que você sabe?

DAHI - Alguma coisa...

CARLA - Não entendo. O que você tem a ver com essa viagem?

DAHI - Bem, mãe... Você se lembra da viagem de formatura?

CARLA - Para Bariloche?

DAHI - Sim, bom, eu não fui.

CARLA - Quê? Como não foi?

DAHI - O vovô me ofereceu essa viagem. Ia acontecer um eclipse importante que só poderia ser visto daquele lado do planeta, ele gostava de eclipses tanto quanto eu, não sei, ele me ofereceu e eu topei a viagem.

CARLA - Mas se eu paguei a viagem para Bariloche.

DAHI - Não, mãe, você me deu o dinheiro que faltava e eu usei para essa outra.

CARLA - Vendi rifas como uma condenada!

DAHI - Bom, mãe, mas o dinheiro foi bem bom para mim, na Romênia eu mesma pude pagar algumas coisas por exemplo.

CARLA - Que Romênia? O que você está dizendo?

DAHI - Sim, tem que estar aí, eu fiz um Tour super lindo, visitei o castelo do conde Vlad III, não sei por que, mas o vovô insistiu pra que eu o conhecesse.

CARLA - Do que você está falando? Você está drogada?

DAHI - Olha o extrato, tenho certeza que está aí. *(Ela pega a fatura e lê)* Tá aqui, tickets para o Castelo de Brasov.

CARLA - Você está tirando com a minha cara?

DAHI - Mas eu só pedi isso, a vovó com a parte dela pagou umas terapias alternativas caríssimas e no final nem se curou.

CARLA - Partes? Que partes? Papai deu dinheiro pra vocês?

DAHI - O vovô veio um dia e nos disse que não queria nos deixar uma maldição como herança, então tínhamos que desfrutar isso em vida. A vovó, que não podia nem vê-lo, pediu dinheiro para umas terapias, que obviamente não funcionaram. Eu queria uma viagem para a Disney, mas ele insistiu em me levar para outro lugar, de onde eram seus avós. Para mim, ele sempre foi um velho de merda, mas pelo menos agora ele seria um velho de merda que me pagaria uma viagem para a Romênia.

CARLA - Vocês estão loucas.

DAHI - Por que tá dizendo isso pra mim? A vovó pagou por umas terapias caríssimas durante um ano.

CARLA - Mas como podem? Estou pagando uma casa, estou pagando a sua escola, estou pagando os remédios e o tratamento da sua avó, e vocês...

DAHI - Naquela hora, achei uma boa ideia.

CARLA - Pedras curativas do Himalaia?

DAHI - Isso é a vovó, isso é da vovó!

CARLA - Quanto dinheiro ele deu para vocês?

DAHI - Um pouco...

CARLA - Um pouco?

DAHI - Bom, mãe. O vovô sempre foi um velho de merda com dinheiro, você me dizia isso, não é?

CARLA - E eu que comemorei que você finalmente tinha amigos e ia para Bariloche e você numa viagem de merda com o seu avô.

DAHI - Bem, mamãe, foi a primeira coisa que me ocorreu!

CARLA - A primeira coisa que te ocorreu? A primeira coisa que te ocorreu? Pagar contas, dar um presente, trazer flores, ajudar sua mãe, comprar balas, comprar sorvetes, um carro, uma casa, a porra de um pônei, e essa é a primeira coisa que te vem à cabeça. Mas a senhora vai a Rolândia para ver a porra de um castelo que sei lá que merda significa, com seu avô, que sempre foi um filho da puta, mas que agora se graduou como um filho da puta póstumo para sempre.

DAHI - Romênia.

CARLA - Eu sou uma idiota, sempre fui uma idiota e serei assim pra sempre. Todo mundo pisa em mim, passa por cima de mim, meu pai, minha mãe e agora minha filha.

DAHI - Mãe.

CARLA - A herança é isso. Herdo os problemas, a má sorte, o desprezo. E pensar que em algum lugar da minha cabecinha ainda tinha a ideia que, quem sabe? numa dessas, quando ele morresse, eu receberia algo de herança e, assim, uma dívida antiga seria paga. O caso seria encerrado e seria um selo de paz entre meu pai e eu. Que ilusão, meu Deus. Porque nunca pensei em herdar muito, nem tudo, mas em algum momento pensei em herdar alguma coisa, no embalo, até por engano. Porque eu sempre me mantive à margem de seu dinheiro e suas honras. Sua avó me ensinou, viver afastada, sem precisar dele. Esquivando, negando, odiando ele. E eu o fiz. Me separei daquele dinheiro e me fiz sozinha, com uma filha, com uma mãe, três mulheres de queixo alto que não baixam a cabeça diante do senhor do dinheiro. Cheia de necessidades, cheia de dívidas, cheia de situações humilhantes, submetida a pessoas que não valem nada mas que tinham mais dinheiro do que eu, e eu nunca pedi nada ao meu pai, porque ele não ia me ganhar só por ter dinheiro. E assim, enquanto eu pensava que essas três grandes mulheres tinham independência, vocês chafurdavam na bosta por uma passagem de merda para a Tanzânia e algumas pedras terapêuticas fedidas. Não só vivia na

mentira, mas acreditava nela, tinha orgulho, isso me ajudava a levantar todos os dias e a acreditar que tudo ia melhorar. Eu acreditava que tudo ia melhorar. Eu acreditava que estávamos bem, que os maus sempre perdem e que no final as mocinhas teriam que ganhar. *(Chora)*

DAHI - Se serve de consolo, a viagem não foi tão boa.

CARLA - Por que me apego às coisas assim? Por quê? A gente pensa algo e acredita que é o certo, mas não é. A gente tem uma lembrança que acha que é útil, que serve de guia, que ajuda a não voltar a errar, mas não, é uma armadilha e não temos ideia do quão profunda é essa armadilha em que acabamos de cair. Lembro do dia em que rompi com ele, o dia em que rompi com o meu pai. "Estou rompendo com o senhor" eu disse a ele. "Para aqui este vínculo vazio e mentiroso com o senhor." E saí com medo, mas com orgulho. E dizia a mim mesma: "Tá certo o que você fez, você é digna, tem dignidade, você não se arrasta por necessidade, parabéns." E me apeguei a essa lembrança como se fosse uma verdade revelada. Uma memória como um mantra, como uma oração. Por que me apeguei tanto a aquela lembrança, não sei. O que fazemos e por que fazemos. O que lembramos e por que lembramos. Lembro de coisas e não sei por que, e como me lembro, as utilizo. Lembro que sou alta. Lembro de ser adolescente ou pré-adolescente, quando o corpo começa a inchar e doer e nunca mais deixa de inchar e doer. A última da fila, a comprida, a grande. E o pai chega depois de uma de suas tantas ausências e a primeira coisa que fala para a filha é: "Meu Deus! Você é tão alta, muito alta, você é alta demais, como a sua mãe, mais que a sua mãe, alta demais. Não tem vestido que caia bem em uma pessoa tão alta, não é certo você ser tão alta, ser tão alta é um problema, te deixa feia, te deforma, uma mulher não deve ser tão alta." E a filha, que não parou de crescer durante sua ausência, pensa que ela talvez cresça porque ele não esteve lá, que talvez seja responsabilidade dele que ela tenha crescido tanto, que talvez fosse preciso um homem que pusesse limites para o crescimento e para as expectativas e para a alegria. O que lembramos e por quê. Nesse dia deixei de crescer, parei, nem um centímetro mais, nem um minuto a mais de expectativa pelo pai. Agora estaríamos brigados para sempre. "Filho da puta", eu disse a ele, "some daqui merda humana, não quero mais ver você, puto, sujo, bosta, merda, vai embora, fora, fora, fora!!!!" Minha vida toda brigada com o meu pai, mas no fim, ele é meu pai, entende? E o cara é uma merda, mas é meu pai, e diz coisas que machucam, e está ausente a maior parte do tempo, achando que o dinheiro vai encobrir alguma coisa, mas é meu pai. E a gente resiste ao dinheiro porque resistir ao dinheiro é

resistir a ele. E então minha raiva, mais a raiva de minha mãe, mais a raiva embutida em minha filha, todas com raiva, todas fortes. E eu penso, pensava, que em algum lugar, mesmo pobres, mesmo cheias de preocupações e problemas, tínhamos vencido, porque não havíamos sucumbido ao dinheiro, à grana, à merda que sobrava pra ele e que faltava pra gente. Me agarro às coisas como se fossem verdades, e são mentiras. Vivo esperando que chegue um momento em que serei feliz e estou atenta, sabe? Alerta, esperando um instante, um sinal, um dia que diga: "Chegou a minha hora, é agora, é para mim, enfim. Enfim, o fim." Mas isso não acontece, não acaba, essa merda é imortal.

DAHI - Ah mãe, se pudesse voltar atrás ou se pudesse fazer com que o vovô não tivesse dinheiro ou se, não sei, se pudesse fazer as coisas de forma diferente, eu faria. Mas eu fiz o que fiz, mãe, perdão.

Silêncio.

CARLA - Romênia?

DAHI - Lá eles são baixinhos.

CARLA - O quê?

DAHI - Vovô me disse que lá eles eram todos meio anões, que eram pessoas baixinhas, que eu ia gostar.

CARLA - Do que você está falando?

DAHI - Pensei que lá eu seria alta, mãe. Porque mesmo que você goste de dizer que somos altas, como ele gostava de dizer que éramos grandes, na verdade não, não somos, somos pequenas, pelo menos eu sou pequena e frágil. Tenho fome, me sinto mal e estou triste, sempre estou triste e com raiva, mãe, e acho que sempre estarei triste e com raiva, com esse manto de ódio e tristeza que me cobre todos os dias de todos os meses. E eu estava com raiva e não aguentava mais vocês, não suportava mais e tive que fazer alguma coisa. E saí, por um tempo. Uma pausa, disse a mim mesma. E a Romênia, sabe?... Estava do outro lado do mundo. E quem sabe? Era como virar a página, virar

tudo, recomeçar do outro lado, ao contrário, começar uma vida como uma mulher alta em um país de anões. Porque o vovô insistiu e disse que eu ia adorar, que era o país dos meus ancestrais, das minhas raízes e que estava cheio de gente da minha altura, como eu, e que ali, finalmente, eu ia ser alta. E por isso fui embora, para parar minha tristeza, para descansar da minha raiva. Não se pode viver cheia de raiva, mãe, mas se posso te dar um conselho, menos ainda se pode decidir com raiva. Porque quando eu cheguei na Romênia tudo era insuportavelmente grande, as pessoas, as casas, as montanhas, os castelos e então eu senti novamente como se vinte mantos de raiva e tristeza fossem colocados sobre mim, e enquanto eu fazia passeios horríveis em lugares onde supostamente estavam minhas raízes, ali, eu percebi que não existiam raízes, que não existiam anões, que tudo era maior do que eu, que eu era muito pequena, e desabei, e comecei a chorar. Eu que não choro, mãe, comecei a chorar de raiva. E então percebi que ele tinha mentido pra mim, para quê eu não sei, nunca soube, mas não guardei aqui dentro, eu não podia ter mais raiva aqui dentro e arranquei. Eu disse pra ele. Eu disse para ele no hospital, fui até sua maca e falei velho de merda, você me mandou para um castelo de merda e lá não existiam anões, não acredito em você, não me importo com você, só nos importamos com o seu dinheiro, com você morre sua tradição. Eu disse isso a ele e o filho da puta me mordeu. Porra de velho. Mas agora, depois de tudo isso, agora vejo algumas coisas com mais clareza. Estamos no fundo do poço, mãe, e se esta família não se afogou é porque você é alta, mãe, e tem a coluna mais longa e o pescoço mais comprido e você pode aguentar mais, mamãe. Você é alta, forte e boa e eu te amo. Estamos ressurgindo, mamãe, estamos renascendo, estamos revolucionando, estamos evoluindo, vamos ser grandes, fortes, eternas. E eu estou com fome, mãe!!!!!!!!!!

33.

Entra Gustavo, depois Giselle e depois Glória.

GUSTAVO - Cagou meu negócio, literalmente.

DAHI - Estou com fome, tô passando mal, preciso de alguma coisa e não sei o que é.

GUSTAVO - Ela tá limpando o cu com as minhas flores.

CARLA (*para Dahi*) - Vá buscar sua avó.

DAHI - Eu me sinto estranha, mãe.

CARLA - Então sinte-se estranha trazendo sua avó

34.

Dahi sai.

GUSTAVO - Não pode ser que tudo sempre dê errado para mim. Dois segundos de uma ideia, de uma esperança, e depois horas e dias de realidade. Estou farto dessa realidade, quero outra coisa.

35.

Gloria entra.

GLORIA - Que flores o que, esse filho da puta tem que estar enterrado na merda!

CARLA - Mamãe, para de fazer isso, é uma porquice.

GLORIA - Quem está fazendo porquices aqui é a sua filha com a outra. Em pleno funeral e se chupando.

CARLA - Do que você tá falando?

GLORIA - Eu já dizia que ela era meio esquisita.

GUSTAVO - Sempre a mesma história, sempre o mesmo conto. Alguém tem que contar uma história diferente.

36.

Giselle entra com sangue no pescoço.

GISELLE - Vão embora!

CARLA - O que aconteceu?

GISELLE - Já é tarde, já começou, já foi. Afastem-se de mim, afastem-se dela. Não assinaram, não me deixaram ajudar e aconteceu, já não será possível descansar em paz.

37.

Giselle sai pela porta de saída.

CARLA - Mas o que ela está falando?

38.

Dahi entra com a boca sangrando.

DAHI - Bem, não vai ter funeral, certo?

CARLA - O que aconteceu?! O que você fez com ela?!

DAHI - Eu comi, agora quero tirar um cochilo e se esse caixão está livre, me desculpem, mas...

CARLA - Mas você está maluca?!

GUSTAVO - Temos que chamar a polícia!!!

DAHI - Lá vem o fascista, tranquilo papai, já estou satisfeita.

39.

Dahi sai para a sala com o caixão.

A luz começa a diminuir, diminuindo lentamente, conforme os discursos continuam.

GUSTAVO - Me escutem, pelo menos uma vez, me escutem. Vamos chamar a polícia, vamos chamar os militares.

CARLA - Mas o que está acontecendo?

GUSTAVO - Tem que mudar essa história, senão é sempre a mesma coisa.

CARLA - Alguém pode me explicar o que acabou de acontecer?!

GUSTAVO - Acredite no que estou dizendo, quando você não sabe por onde começar, é melhor começar com os milicos.

CARLA - Você é uma máquina de dizer merda!

GUSTAVO - Tá aí, vai, se junta ao grupinho da sua filha, me insulta, reúnam-se todas as mulheres, mas se o que você quer é um pouco de justiça, e que falar seja uma coisa pensada, e não que qualquer idiota só por ter boca possa sair por aí dizendo besteiras e mordendo pessoas de bem, então me escuta, tomara que venham os militares. Quem me dera, eles nunca tivessem saído, se os militares estivessem aqui as coisas funcionariam melhor, funcionariam de forma diferente, funcionariam assim:

Eclipsa a luz.

Eclipsa a primeira parte.

SEGUNDA PARTE SEGUNDO ENGANO

AS IDEOLOGIAS

Um drama clássico

PERSONAGENS:

DAHIANA - Irmã mais nova

GISELLE - Irmã mais velha

CARLA - Mãe

GUSTAVO - Capitão

GLORIA - Avó

Sala de espera e acompanhantes de um velório. À esquerda do palco, uma porta que se comunica com um corredor. À direita está outra porta que se conecta a outro corredor. Na Sala há um quadro de um General. Mesa pequena com planta seca e folhetos de serviço militar.

40.

Carla está sentada com o olhar perdido. Dahiana e Giselle falam da sala dos fundos, onde antes estava o caixão.

GISELLE - Hoje faz exatamente um ano que morreu o vovô... Exatamente nesse 5 de maio, dia do seu aniversário ...

CARLA - Não é seu aniversário.

DAHI - Shhh.

GISELLE - Ali eu pensei que não fosse conseguir sobreviver àquilo... Eu tinha desmaiado e estava caída como morta, fria e sem ânimo pra nada ... Agora já passou um ano e agora a já podemos recordá-lo

e o calor volta a acender nossos corpos e já temos vontade e ânimo para tudo... agora já choramos muito e nossos rostos estão lavados e cansados e pálidos... Pálidos. Então, também soou um alarme. *(Carla escuta, mas não ouve nada)* Eu me lembro de ter enterrado nosso avô, porém seu túmulo está vazio. Porque agora percebo que não é uma lembrança, mas um sonho, porque nada disso aconteceu como ele nem como nós queríamos. Porque não pudemos estar em seu enterro, porque não houve enterro, porque não pudemos cremá-lo, porque não nos entregaram o seu corpo e todo corpo, culpado ou inocente, tem direito a descansar em paz.

CARLA - Não está falando de um jeito esquisito?

DAHI - Fala de um jeito esquisito porque é esquisita, porque nós somos esquisitas.

GISELLE - Hoje não faz frio, nesses lugares sempre faz frio, mas hoje sinto que poderíamos abrir bem as janelas para que entrem o oxigênio e o sol e reavivem o calor desta casa e o nosso.

CARLA - Vocês não me deixam abrir as janelas.

DAHI - Não gostamos do sol.

GISELLE - Lembro perfeitamente que em Moscou, nessa época, tudo está inundado de sol, e os dias são lindos...

CARLA - Moscou? O que Moscou tem a ver com isso?

Dahiana e Giselle entram, elas estão notoriamente pálidas.

GISELLE - Há um ano que estamos de luto esperando o corpo do nosso avô. Há um ano que o queremos enterrar, queimar, separar em partes como se separa a história, para compreendê-la, para guardá-la em pequenas gavetas em nossos corações. E nos mantem aqui, esperando, nos deixando desesperadas, nos acusando com perguntas, nos mostrando suas presas para cravar em nós aquele olhar suspeito o tempo todo.

DAHI - É melhor esquecer vidas passadas

GISELLE - Mas ainda me lembro da força da luz do sol! ... Meu Deus! ... E hoje, quando eu acordei pela manhã tinha tanta luz! ...

DAHI - Que luz?

GISELLE - Era um tubo de luz, mas havia tanta luz, como um canhão, como um raio, como uma estrela, como um Saturno inteiro em cima de mim com seus asteroides me acordando. Vi a primavera, minha alma se emocionou e eu desejei ardentemente sair e ser feliz novamente!

CARLA - Não gosto do jeito que falam.

GISELLE - E logo depois nos chamaram e nos deram esta esplêndida notícia: nos trarão nosso avô e sua pele se fundirá com nosso jardim e seus ossos se enredarão nas raízes da cerejeira que ele tanto amou e sob a qual será enterrado. Hoje meu peito está pegando fogo e algo me diz que em breve esta cidade pegará fogo como o meu peito.

CARLA - Sério, por que está falando tão esquisito?

DAHI - Estamos representando As Três Irmãs.

CARLA - Sim, mas estão feito idiotas por causa desse livro.

DAHI - O que você quer que a gente faça? Estamos entediadas.

CARLA - Estão atuando como idiotas, ler vai transformar vocês em idiotas.

DAHI - Eu também não gosto de ler, mas estamos ficando sem opções.

CARLA - Passaram meses fazendo aquela peça horrível, desagradável e agora começam com essa.

GISELLE - Aquela era contemporânea, mamãe, mas esta é um clássico

CARLA - Essa coisa de atuar nos distrai.

GISELLE - A leitura nos distrai.

DAHI - Já faz um ano que estamos lendo e ler já não nos acalma.

GISELLE - Atuar nos acalma um pouco mais

DAHI - Canaliza as ansiedades e estamos cheias de ansiedades

CARLA - Atuar não serve pra nada. Ler serve menos ainda.

DAHI - Ler é uma perda de tempo? Sim. Atuar é inútil? Sim. Mas não temos mais o que fazer a não ser perder tempo e sermos inúteis.

GISELLE - Eu gosto de ler.

41.

Gloria entra.

GLORIA - Deveriam ler a bíblia, isso sim faz bem.

CARLA - Ah, a Senhora resolveu aparecer.

GLORIA - Estava rezando que isso sim nos convém.

CARLA - Rezar? Quanto nos ajudou rezar?

GLORIA - Eu rezo o tempo todo para que parem de atuar.

GISELLE - E como se pode ver é de uma eficácia devastadora.

DAHI - Só a ideia de rezar já me dá um asco.

GLORIA - Asco vocês deveriam ter ao atuar, mentir suas emoções, ficar rolando pelo chão com trapos e gestos mentirosos.

GISELLE - Rezar deveria ser proibido

GLORIA - Ler está proibido.

GISELLE - Não, ler não está proibido.

CARLA - O que está proibido é ler esses livros que você tem no seu quarto e pela casa toda.

GLORIA - Deveriam queimar todos os livros, nisso deveriam gastar o tempo.

DAHI - É suficiente queimar os indicados!

CARLA - Olha, se aparece um oficial e descobre que você tem esse tipo de livro em cada canto dessa casa, a gente poderia ter problemas.

DAHI - Nós adoramos problemas.

GLORIA - A Bíblia deveria ser nossa única leitura diária.

GISELLE - Há que se ter cuidado com o que se deseja.

DAHI - Adoro ver como queimam os livros, adoro o fogo.

GLORIA - Há que se ter cuidado com o fogo, o fogo é justo, queima a todos por igual.

CARLA - Ah, mas como estamos poéticas hoje.

GLORIA - Todo mundo já sabe que essa casa está cheia de livros.

GISELLE - Que livros?

DAHI - Não seja boba, todas já sabem que você passa o tempo todo lendo livros que não devem ser lidos, já queimaram muitos livros seus e continuarão a queimá-los se você não parar de lê-los. Tem que ter cuidado com o fogo, ele pode chegar até você, te queimar.

CARLA - O fogo queima, hoje estamos com uma inteligência superior.

GLORIA - As bruxas têm medo do fogo.

GISELLE - E as pessoas também, velha... Tonta.

CARLA - Se acalmem.

DAHI - Quer que a gente te queime?

GLORIA - Te afasta, demônio.

Gloria mostra uma cruz, Dahiana mostra seus dentes

CARLA - Ah, mas por que está fazendo assim? Você é o que agora, um gato no cio?

GISELLE - Fecha essa boca, temos que continuar com o plano.

DAHI - Poderíamos criar nossas próprias histórias e não ser escravas do que os outros escreveram. Libertar nosso talento, nosso sangue, nos libertarmos.

GLORIA - Você não está achando elas esquisitas?

CARLA - Estou achando todas esquisitas. Você chupando a Bíblia, e essas aí que acordam fantasiadas de pequenas burguesas russas e com toda essa maquiagem pálida no rosto enquanto recitam livros.

DAHI - Nós não nos maquiamos.

CARLA - E agora decidem fazer As Três Irmãs e nem me oferecem para fazer a Olga, que eu adoro.

GLORIA - Escuta Olga, reprime um pouco sua irmã menor que está um pouco excitada.

CARLA - Ela não é assim. Está na personagem. Mostra.

DAHI - Eu gostaria de me reprimir, mas transbordo. Meu corpo é pequeno e tudo escapa de mim, eu saio de mim, me derramo, me queimo.

GLORIA - Eu vou te apagar, você vai ver.

Joga algo na cara dela, Dahiana grita.

CARLA - O que está fazendo?

DAHI - Ela jogou ácido em mim!

GLORIA - É água benta!

CARLA - Mas você ficou louca? Como vai jogar ácido na cara dela?

GISELLE - Filha da pu... Má, má, má.

CARLA - Pera aí, deixa eu ver!

DAHI - Não! Me deixa!

Ela cobre o rosto com o cabelo ou algo assim.

GISELLE - Você queimou a cara dela, maluca de mer... ah, que má.

GLORIA - Estão possuídas!

CARLA - Estão loucas, o que está acontecendo com vocês?

GLORIA - É o demônio.

DAHI - Você vai ver quando eu te pegar!

Agora podemos ver o rosto de Dahiana e ela não tem nada.

CARLA - Ah, mas não tem nada no seu rosto!

DAHI - É, se ela só jogou água em mim, mais nada ...

GLORIA - Já se curou? É um demônio muito poderoso.

CARLA - Bom, se acalmem as duas, chega, é sério. A qualquer momento os oficiais vão trazer o seu avô. Essa casa já passou muito tempo de luto, e nós trancadas, esperando que nos devolvessem o

que era nosso. Hoje vão trazer o corpo do último homem desta casa. Hoje faremos um funeral, hoje iremos enterrá-lo de acordo com os ritos familiares e, finalmente, poderemos descansar... Descansar.

42.

Entra Gustavo vestido de militar.

GUSTAVO - Tenho a honra de me apresentar: Eu sou o Capitão.

Pausa. Todas elas se reacomodam.

GUSTAVO - Como cresceram. Estou tão feliz em vê-las, estou tão feliz em conhecê-las. Sabia que o defunto havia deixado as mulheres sozinhas. Mas eu não sabia que elas eram todas tão jovens, tão lindas. São como três irmãs.

GLORIA - Somos quatro aqui.

GISELLE - Os três mosqueteiros também eram quatro.

CARLA - Para de ler esses livros.

GUSTAVO - Faz um ano que estou para vir, que estava vindo, que desejava chegar. Há um ano faleceu o Senhor desta casa e aí começou uma peregrinação, uma engrenagem, uma perícia. Lamentamos a demora, mas foi necessário para que hoje, finalmente, eu esteja aqui, junto a vocês, para dar a vocês as respostas que tanto esperaram.

CARLA - Desculpe, mas não entendo, onde está meu pai, quem é você?

GUSTAVO - Tenho a honra de me apresentar: Eu sou o Capitão.

CARLA - Eu não conheço o senhor?

GUSTAVO - Ah, não sei. Não sei.

DAHI - Ah, não, assim eu morro. O senhor é o capitão? Oficial? Militar?

GUSTAVO - Capitão sim.

DAHI - Ah, vou morrer, vou morrer, eu adoro os militares!

CARLA - O que está acontecendo?

GISELLE - Eu não fiz nada.

DAHI - Mas que belo milico!

GUSTAVO - Capitão!

GISELLE - Na floresta, lá na China, um soldado se perdeu ...

CARLA - Shhh.

GUSTAVO - Sou o Capitão chefe encarregado de negociar a entrega do corpo.

DAHI - Eu te entrego o corpo sem negociar.

GISELLE - Você pode se acalmar?

CARLA - O que há para negociar?

GUSTAVO - É que agora - com o morto, morto - vocês ficam sozinhas, tristes e abandonadas.

GLORIA - Isso é verdade, senhor.

GUSTAVO - Me chame de Capitão, senhora.

GLORIA - Sim, senhor.

GUSTAVO - Bem, já vejo que será uma noite longa.

CARLA - Podemos saber do que está falando? Nós não estamos abandonadas.

GUSTAVO - Calma, mãezinha. Não se exalte que você não é cometa, nem um homem, aqui temos apenas uma calça comprida, que é a minha, e tenho a braguilha fechada. Por enquanto. Não percam as esperanças.

GISELLE - Alguém entende alguma coisa do que ele diz?

DAHI - Não é você a pessoa que lê, a inteligente?

GISELLE - O que tem a ver? Não digo que você confunde tudo.

DAHI - Não tem nenhum livro que te faça ver o pedaço de carne que você tem diante dos olhos? Não desperta a sua fome?

GISELLE - Fome de leitura.

DAHI - Mentira!

CARLA - Não briguem!

GUSTAVO - Vamos ver, pombinhas... A vovó nos ligou porque estava preocupada com vocês e com ela mesma.

CARLA - Ligou para quem?

DAHI - Vó, você chamou esse filé?

GUSTAVO - Capitão, menina.

DAHI - Não quer que eu afunde meus dentes em você?

GLORIA - Só Deus sabe se eu fiz bem.

GUSTAVO - Bem, o clima está quente! Vamos apressar a coisa senão o arroz vai passar do ponto e esses pãezinhos vão embolorar.

GLORIA - Chamei a polícia porque nossa família e nossa casa e nossas terras estavam em perigo.

CARLA - Que perigo? Do que está falando?

GLORIA - Há um ano o avô delas morreu, seu pai, e não nos entregaram o corpo e vocês não se perguntam por quê? Suas filhas desde esse dia estão esquisitas, não saem, dormem de dia, sussurram à noite, atuam o tempo todo, nós vamos ficar loucas. Quando uma pessoa toca a felicidade, como essas garotas tocaram, mas um dia a perde, como essas garotas a perderam, é inevitável murchar, se tornar dura e má. A morte de seu avô foi como o desmoronamento de um campanário, e elas são os sinos, e estão caídas, estão quebradas, e não tocam mais. Precisamos de um homem que saiba fazer música com esses instrumentos.

DAHI - Nós somos atrizes, atuamos. Você gosta de atrizes?

GUSTAVO - Atrizes, então?

CARLA - Algo acontecia com seu avô e algo está acontecendo com vocês.

GLORIA - E eles têm suspeitas e eu disse que também tinha suspeitas, por isso os chamei.

DAHI - Muito suspeito tudo, né?

GUSTAVO - E o que interpretam?

DAHI - Clássicos, meu quibezinho, gostamos dos clássicos.

CARLA - Elas leem qualquer coisa permitida que as ajuda a passar o tempo.

GLORIA - Mentira, eu dei a elas a bíblia ou algum auto sacramental, mas elas só fazem peças proibidas com grosserias e mensagens distorcidas.

CARLA - Mãe, o que está fazendo? O que tá acontecendo com você?

GLORIA - Mas o que tá acontecendo com você, digo eu. Não está vendo? Não percebe? Coisas estranhas aconteceram e acontecem nessa casa.

GUSTAVO - Tudo bem, peixinhos de água doce, calma. Não importa quem entregou quem, quem traiu, vocês são mulheres... As mulheres fazem isso uma com a outra o todo o tempo.

GLORIA - Eles vão nos ajudar, é o único jeito

GUSTAVO - Mas claro que sim, pílula da noite, porque nós somos homens e somos bons e damos segurança e soluções. Vocês, meninas, estavam atoladas, morreu o varão de vocês e aí ficaram de pernas pro ar, desnorteadas e sem saber por onde começar. Mas a vovó que é sábia nos ligou há poucos dias e nos contou sobre livros e ideias proibidas e, finalmente, depois de espioná-las ou observá-las por um tempo, encontramos uma solução.

CARLA - O que você disse a eles?

GLORIA - Se Deus já sabe, que o saiba o mundo.

CARLA - Essa senhora está maluca, nada do que ela diz pode ser levado a sério.

GUSTAVO - Nós levamos muito a sério a traição à Pátria, senhorita. (*Todas se alteram*) Sim, senhoritas, assim mesmo como vocês estão ouvindo, traição à Pátria.

CARLA - Mas estão loucos?

GISELLE - Isso é uma violação.

GUSTAVO - Não, meu amor, se quiser eu te mostro o que é violação.

CARLA - Isso não é possível, não podem fazer isso com a gente.

GUSTAVO - Claro que podemos, nós somos o Governo.

GISELLE - Mas nós temos direitos.

GUSTAVO - Têm o direito de calar a boca e fazer o que eu digo.

CARLA - Mas os senhores têm que me ouvir...

GUSTAVO - A senhora tem que calar a boca.

CARLA - Mas eu quero me expressar...

GUSTAVO - Mas estamos numa ditadura merda, caralho!!! No fim, me fazem perder a paciência. Estamos em uma ditadura, Senhoritas. Sabem como funcionam os direitos em uma ditadura? Sabem?

DAHI - Não tenho ideia.

GUSTAVO - Não sabem porque não importa. Os direitos estão fora de moda, muito século XX.

DAHI - Como você é inteligente, hein.

GUSTAVO - Nosso governo é uma ditadura, sim, mas uma ditadura que o povo aprovou pelo voto popular. Disseram a eles: querem continuar com essa democracia? Imperfeita, corrupta, desigual? Ou querem que venham os militares e consertem tudo? E as pessoas disseram: militares, queremos militares, queremos uma mão dura e forte, queremos que limpem todos os negros e que as ruas estejam limpas, e que não haja lixo e que os semáforos estejam coordenados e que alguém recolha o cocô do cachorro. E nós viemos, e o fizemos. Mas como enchem o saco o tempo todo com isso da vontade popular, porque também não há ditadura que lhes convenha, então de vez em quando deixamos o povo votar. E no que as pessoas votam? Votam em mais militares, mais uniformes, mais mãos firmes. E um dia votaram que não queriam mais que os viadinhos votassem, e outro dia que os velhinhos não votassem mais, e outro dia que os pobres não votassem mais, e outro dia que as mulheres não votassem mais. E o que se há de fazer? É a vontade popular. Vocês gostariam de outra coisa, mas o povo é o povo, e se o povo falou e disse "sim, quero", foi para que as meninas comunistinhas como vocês ficassem quietas e caladinhas e com a revolução na cozinha. Querem revolução? Façam bolos com farinha integral. Querem mudar o mundo? Para isso tem que se comportar bem e fazer a lição de casa. Mas vocês se comportaram mal e nós percebemos e agora vamos ter que resolver isso de alguma maneira.

DAHI - Não tem jeito, como você me dá calores, ah... Continua falando, gostoso.

GUSTAVO - Há quarenta anos as pessoas nos elegeram e seguem nos elegendo sempre que podem. É fato, nos elegeram, não podem fazer nada. No início foi timidamente, verdade, vencemos por pouco, raspando. Por um voto, dois ou três. Mas um ano também começa aos poucos, entrando minuto a minuto, é o acúmulo que nos dá a força. E o tempo é um gordo que não para de comer. Ano após ano, sentimos que essa vontade popular vai crescendo e nós a aquecemos como se

esquenta uma massa de pão no forno da segurança e do amor. Porque as pessoas querem ser amadas e cuidadas e isso está certo. A isso elas têm direito.

GISELLE - E o que tudo isso tem a ver com a gente?

GUSTAVO - Seu avô era um frouxo. Cercado por mulheres, ele se rendeu, ficou sensibilizado e pensou que a vida era amar um ao outro e dar a mão à mulher amada e se olhar nos olhos e sentir confiança um no outro e serem iguais e justos e todas as bobagens que as meninas comentam entre novelas e novelas. Por isso, contava historinhas, lia livros proibidos para vocês, material destinado à fogueira que acumulava nesta casa e que perturbou o cerebrozinho das suas netas. É perigoso contar histórias, a gente acaba acreditando que tudo é um conto. Mas esses tempos afetados passaram, a democracia puta e afeminada passou, e o que resta é este Governo, macho, implacável, rude, puro. Sem códigos civis e direitos destorcidos, nada de reviravoltas legais e nem misericórdia com os derrotados. Somos implacáveis porque é assim que as pessoas querem, como vivemos os homens, e como viveram os homens antes dos homens. Com vigor, com firmeza, com calor, com suor, com determinação, com dedicação, com calças, um governo com calças, sem saias, sem luvinhas para não sujar as mãos, sem piscadinha de olho, sem dúvidas, sem vai e vens, sem tons de cinza, sem matizes. Firmeza, clareza, concretude. A vida é um varão.

CARLA - Bem, e se pode saber o que vai acontecer com a gente?

GUSTAVO - Claro que sim, minha conchinha.

DAHI - Falando em conchinha, você não quer ver...

CARLA - Chega, sério, o que há com você?

GUSTAVO - Há um ano faleceu o avô desta família, mas atrás dessa fachada se escondia um traidor da Pátria. Sim, senhoras, um traidor da Pátria. O governo suspeitou, porque o governo suspeita de todos, mas não tínhamos provas. Até que a ligação da senhora aqui presente, a Vovó, nos permitiu encontrar um porão desconhecido nesta casa. Onde encontramos inúmeros livros não catalogados,

mapas, pólvora e instruções para montagem de bombas, entre outros materiais esquisitos. Embora tenhamos chegado à conclusão óbvia de que ele era o autor material deste plano subversivo, já que seria difícil que isso fosse pensado por qualquer uma das cabecinhas de noiva das integrantes femininas dessa família, também chegamos à conclusão de que ele não estava sozinho e que seu plano incluía várias pessoas, e que poderia existir algum tipo de rede, de célula revolucionária com outras pessoas, já que notamos a falta de uma quantidade significativa de pólvora. (*Giselle e Dahiana se olham*). Então, nos deparamos com vários problemas: de um lado essas mulheres que foram abandonadas pelo homem da casa, enquanto já sabemos que a lei atual não permite que as mulheres vivam sem a guarda de um homem.

GISELLE - Mas ele não nos abandonou, ele morreu.

GUSTAVO - Isso é uma maneira de ver.

CARLA - É a maneira como você vê.

GUSTAVO - Bem, vocês estão vendo o copo meio vazio, eu vejo o copo meio cheio.

GISELLE - Esse ditado está mal aplicado.

GUSTAVO - Não, está bem aplicado.

GISELLE - Não tem nada a ver dizer o copo meio vazio e o copo meio cheio.

GUSTAVO - Sim, tem a ver.

GISELLE - Não, não tem.

GUSTAVO - Sim, sabe por quê?

GISELLE - Por quê?

GUSTAVO - Porque eu sou homem.

GISELLE - Ser homem não torna você mais inteligente.

GUSTAVO - Não, mas me dá poder.

GISELLE - Que poder?

GUSTAVO - Esse.

Gustavo dá um tapa nela.

GUSTAVO - Aí está, olha, olha, olha como vai começando a entender, olha como gostou do meu argumento. Eu tenho mais argumentos, se você quiser. Olhem... Vocês são mulheres e se eu disser que o sol nasce de noite, vocês colocam um boné com viseira e saem às três da madrugada para procurar o sol e se virem a lua vocês pulam de alegria, se dão beijinhos e dizem como o sol é lindo, como o sol é lindo. Está claro?

GISELLE - É injusto.

GUSTAVO - Bem-vinda ao mundo.

GLORIA - Amém.

GUSTAVO - Tem também o outro problema, se me permitem seguir, que consiste em saber que tipo de vínculo vocês tinham ou têm com seu avô subversivo.

GISELLE - Era o nosso avô, esse era nosso vínculo.

GUSTAVO - Não sabemos se existem mais pessoas relacionadas fora da casa, não sabemos se estão em contato, não sabemos.

DAHI - Ah, que problema, não?

GUSTAVO - Porque também, como terceiro e último problema, temos o corpo do avô, pai, marido, traidor, falecido, que ainda não entregamos porque por lei não entregamos nem enterramos os corpos dos traidores.

GISELLE - Oficial, é importante que nos entreguem esse corpo.

CARLA - Faz um ano que preparamos o caixão, o velório, as orações, as flores, tudo apodreceu e secou.

GUSTAVO - Por que não colocam flores de plástico? As coroas de flores naturais são muito caras.

GISELLE - É importante que este corpo seja enterrado.

GUSTAVO - Mas meus peixinhos, não vamos deixar que o enterrem, temos que evitar que seu túmulo se transforme em um lugar de peregrinação e adoração entre os traidores da Pátria. *(Dahiana e Giselle se olham)* Mas nosso Governo pensou numa solução inteligente e eficaz para os três problemas, por isso somos um Governo de homens.

DAHI - Ai, vejamos, vejamos...

Gustavo tira um papel.

GUSTAVO - Preparamos uma oferta, uma oportunidade especial para vocês. Estou disposto a lhes oferecer um acordo que devem assinar hoje mesmo: basta uma de vocês assinar, mas deve ser assinado agora. Tenho esse documento no qual vocês aceitam que o avô é um desaparecido e desistem de pedir o seu corpo. E assumem que o vovô desapareceu.

GISELLE - Mas ele não desapareceu.

GUSTAVO - Bom, aqui ele não está.

CARLA - Porque vocês estão com ele.

GUSTAVO - Ah não sei, não sei, não sei ...

GLORIA - Desaparecido?

GUSTAVO - Sim, mas não qualquer desaparecido, um desaparecido oficial. Ou seja, a partir de agora vocês sabem que nós sabemos e que todos sabem que oficialmente desapareceu. Assim podem colocar um ponto final e esse tipo de coisas, e se querem rezar, rezam para o papelzinho, e se querem enterrar alguma coisa, enterram o papelzinho, vocês entram com uma parte, nós entramos com outra e todos ficam felizes.

GLORIA - Mas desaparecido? Sem túmulo? Sem ser enterrado?

GISELLE - É importante que este corpo seja enterrado sob algumas tradições familiares para que possa descansar em paz.

GUSTAVO - Mas minhas abobrinhas, vocês não acham que a gente dá muita importância ao enterro? O que são uns ossinhos a mais, uns ossinhos a menos?

GLORIA - Mas é importante ser enterrado.

GUSTAVO - Vovó, Vovó, você tem que ajudar um pouco também.

CARLA - O senhor tinha prometido a ela que nos dariam o corpo.

GUSTAVO - Não, eu prometi que ela não perderia a casa, nem suas coisas, nem o terreno.

GISELLE - Então vão nos deixar morar sozinhas?

GUSTAVO - Bom, sozinhas, sozinhas, não, porque já falamos que as meninas não podem ficar sozinhas. Mas essa é a outra surpresa que tenho, estou certo de que vão ficar muito felizes. Ao assinar este documento, também estarão concordando com a indicação de um homem como responsável. Um homem para que a vida de vocês tenha sentido, e que de quebra vigie se estão se comportando bem. Um homem que saiba usar calças e fazer com que se sintam amadas e seguras. E olha, que estou começando a ter carinho por vocês e posso até ser eu esse homem.

DAHI - Ah, caio morta.

CARLA - Preciso ir ao banheiro.

GUSTAVO - As mulheres vão muito ao banheiro, isso tem que ser dito, mas tudo bem, melhor limpinhas. Vá e volte, olha que não quero ficar com raiva de novo.

43.

Carla sai.

GUSTAVO - Bom... Quem assina?

DAHI - Eu!

GISELLE - Ninguém vai assinar nada.

GUSTAVO - Acho que sua irmã quer assinar.

GISELLE - Porque ela não sabe o que quer.

GLORIA - Mas não temos outra opção.

DAHI - Tenho certeza que se me deixar dar um beijinho no seu pescoço, você vai esquecer todos os problemas.

GISELLE - Mas qual é? Temos que conseguir o corpo do vovô e queimá-lo.

GUSTAVO - Ah, queriam queimá-lo. Que bonito, assinem e conversamos sobre isso.

GISELLE - Estamos tentando parar a maldição.

DAHI - Eu não posso parar meu sangue.

GISELLE - Então que não descanse em paz e que sua "lembrança" volte para nos perseguir e atormentar a vida? Quer colocar tudo em perigo por causa desse banana?

GUSTAVO - Que foi, menina? Não gosta de bananas?

DAHI - Eu gosto!

GUSTAVO - Claro gatinha, aqui tenho uma pra você, vem, assina.

GISELLE - Não assina!

DAHI - Mas ele parece tão bom.

GUSTAVO - Sou um *bambi*.

GISELLE - Os militares não são bons.

GUSTAVO - Ah, que antiga!

DAHI - É, isso era antes, eu sempre os achei tão bonitos, com seus uniformes e suas botas e seus pescoços fortes.

GUSTAVO - Sou um bonequinho de bolo.

GISELLE - São uma merda.

GUSTAVO - Olha que vou ter que lavar a sua boca com sabonete!

GISELLE - São uma merda, cocô, bosta!!

GUSTAVO - Não grite.

GISELLE - Grito o quanto eu quiser!

GUSTAVO - Você vai comer uma mão e depois vai comer outra coisa...

DAHI - Meu sangue está começando a ferver!

GISELLE - Não seja grosseira e se contenha!

GLORIA - Está muito quente aqui hein!

DAHI - Eu olho para ele, e olho para ele, e sinto coisa boas aqui dentro de mim. Você não sente isso?
(ela o encara fixamente e ele permanece olhando-a)

GISELLE - Deixa ele, não faça isso!

GUSTAVO - Ah, mas que olhar intenso!

Giselle bate em Dahi.

GISELLE - Eu disse para você parar! Precisamos do corpo do vovô.

GUSTAVO - Assinem o documento.

DAHI - Eu posso assinar se você me deixar te dar um beijo no pescoço!

GISELLE - Não vai dar nada nele!

GUSTAVO - Você assina e eu deixo meu pescoço pra você usar de tobogã.

DAHI - Perfeito!

Giselle toma o documento dele.

GISELLE - Você não vai ter nada.

GUSTAVO - Mas a puta que o pariu, filha duma égua, me dá esse papel!

GISELLE - "Papai morreu há exatamente um ano, precisamente neste dia, um 5 de maio, o dia do seu santo, Irina"!

DAHI - Está recitando As Três Irmãs.

GUSTAVO - Olha que lindo! Me dá o documento!

GISELLE - "Achei que não fosse sobreviver, você estava desmaiada, irmã, como morta"!!!

GUSTAVO - Me ajude a pegar o documento da sua irmã!

DAHI - Ela não vai dar pra você.

Gustavo dando com os cintos por todas as partes e Giselle escapando e conversando.

GUSTAVO - Ela vai dar pra mim, você vai ver... Merda, me dá.

GISELLE - "Mas um ano se passou e nós lembramos de tudo isso sem dor, seu rosto resplandece e também bateram as doze."

Uma sirene soa.

GUSTAVO - O que é essa sirene?

Um tumulto é ouvido do lado de fora e vozes gritando "Revolução".

DAHI - Revolução!

GISELLE - Revolução!!!

GUSTAVO - O que está acontecendo?

DAHI - Ah, eu amo a revolução, muito sangue pelas ruas.

GUSTAVO - As células terroristas... Era verdade.

DAHI - Vem, paizinho, eu cuido de você!

Gustavo vai embora.

44.

Todas olhando pela porta.

DAHI - Ai, quase quase que eu o como!

GISELLE - Você tem que se aguentar, já já você vai conseguir matar a sede.

Gloria sai.

45.

Giselle está prestes a sair, mas percebe que Dahiana não a está seguindo e para.

GISELLE - Você vem?

DAHI - Sinto que tenho que ficar... com ele.

GISELLE - Você é idiota? Conheceu ele hoje.

DAHI - Idiota é você que acredita que precisa conhecer as pessoas.

GISELLE - O que está dizendo? Vamos embora ou vamos queimar.

DAHI - Eu quero ficar. Ele não me ama, você não o ama, e eu também não o amo. Mas eu vou ficar.

GISELLE - Mas você percebe que está dizendo idiotices?

DAHI - Pode ser que eu esteja agindo como uma idiota, mas isso me torna mais humana do que você.

GISELLE - A única maneira de ser mais humana é parar com essa loucura, essa maldição, nos contermos.

DAHI - Eu não acho que seja loucura ouvir meu coração, meu sangue.

GISELLE - Escute seu cérebro também, que pesa mais que o coração e precisa de mais sangue.

DAHI - Tenho que morder alguém, é minha natureza.

GISELLE - Porque você não está pensando, está deixando seus instintos te dominarem e isso te faz mal.

DAHI - Ah porque a senhorita pensa melhor, porque lê e sabe! Cansei de ler e pensar! Cansei dos seus raciocínios. Quero ficar aqui com ele.

GISELLE - Você não quer isso, você tá excitada, são os hormônios não estão te fazendo bem, você está delirando, vamos! Não me deixa irritada, vamos!

DAHI - Chega, que chata, você não sabe nada, não entende nada. Você não gosta do que você é? Quer mudar o mundo? Mas para onde? Para que? Você vai queimar o mundo como quem queima folhas para cuidar do jardim, mas esse jardim já está muito velho e o que vai queimar somos nós. Eu já entendi e para não queimar, preciso morder.

GISELLE - Mas quem você vai morder? Já te disse, já conversamos, você não vai voltar a morder. Fica calma, guarda essas presas, não somos animais, somos peculiares, você tem que conter o seu instinto.

DAHI - Já não posso mais conter, não quero mais conter. Não percebe que a palidez está nos consumindo, estamos evaporando, estamos comendo a nós mesmas, não posso mais me morder, olha o meu braço... Preciso do sangue de outra pessoa, preciso morder outra coisa que não a minha veia. Preciso comer!

GISELLE - Você está queimando, se acalme, sossega, idiota. Você vai se consumir em um minuto, controle o seu calor, controle o seu fogo. Você está pegando fogo o tempo todo, idiota, você não pensa, não calcula, não percebe que te veem como uma oferecida, que está em oferta por dois reais, que qualquer um põe a mão, bruta, ordinária, saldão, pechincha.

DAHI - Mas que metam as mãos em mim como numa luva, que me usem e não me economizem. Para que quero durar? Para que quero me preservar, me proteger? Estou aberta e me ofereço para ser usada e jogada fora porque quero ser jogada fora, usada e manuseada. Tenho o calor que sai de mim, tenho fogo no rosto, no peito, na barriga, tenho água fervendo na boca, tenho lava, tenho chamas, tenho uma fogueira...

GISELLE - Mas se jogue numa piscina, idiota, pule num balde de sorvete, se joga no mar, mergulhe seis meses no Polo Norte, se tranque na geladeira, feche as pernas, feche a boca, contenha-se, resista, aguente. Para que você veio ao mundo? Para se consumir em um segundo? Para colidir nos primeiros 2 metros? Pensa uma vez na vida. Abra-se para a possibilidade das ideias, de que há algo mais do que o que seu corpo te pede, algo mais do que ir ao banheiro, à cozinha e pra cama, somos mais do que um monte de órgãos engolindo e expelindo coisas. Sei que nós duas somos diferentes, sinto isso desde o dia em que você me mordeu. Mas tudo pode mudar. Resista um pouco ao animalesco, torne-se humana, leia um livro, adote uma frase que goste, acredite numa ideia pela qual valha a pena segurar todo esse fogo que te consome, ilumine-se com uma ideia que te dê sentido, direção, medida. As ideias podem te salvar.

DAHI - As ideias são fumaça. Você é fumaça, menina, você é fumaça. Você está carregada de ar, você é densa, névoa, vapor, umidade, cinza flutuante, fuligem. Você é fumaça, você é fumaça pura. E não percebe que está estragando tudo, está esfumaçando tudo, está deixando meu cabelo fedendo, está cagando na roupa limpa, está afugentando todo mundo e não somos mosquitos, sua idiota! Pare de ler, que sua mente está nublando. Você é fumaça e com esse ar sujo você não muda nada, não move, não bate, não constrói, não destrói, você só nos faz tossir. Vemos você e temos vontade de tossir. Você quer queimar a vida, mas só faz nossos olhos arderem. Você quer ser um vulcão que nos dizima, mas não é mais que uma onda de calor, você é uma fumaça de grelha mal direcionada, porque você

é um fogo artificial, uma faísca, um peido de velha, um blefe. Você não passa de um susto e a mim não assusta.

46.

Carla entra.

CARLA - Estão aqui! Parece uma revolução lá fora! Temos que ir embora!

GISELLE - Ela não quer ir.

CARLA - Quem não quer ir?

GISELLE - Sua filha.

CARLA - Por que você não quer vir?

DAHI - Acabei de dar uma tremenda explicação, não vou repetir tudo de novo.

CARLA - Mas você é idiota? Estão colocando fogo em tudo! O fogo vai chegar aqui!

DAHI - Mamãe, se me der um abraço, eu te explico!

CARLA - O que está fazendo com essas presas? Não é hora de fazer teatro.

GISELLE - A mamãe não!

DAHI - Tenho fome.

CARLA - Vamos embora!

47.

Gloria entra pelo outro lado.

GLORIA - Deus nos ajude!

CARLA - O que é?

GLORIA - Temos que rezar.

GISELLE - Você reza, nós vamos embora que é melhor.

GLORIA - Não! O fogo também está desse lado, não dá para atravessar!

GISELLE - Como?

CARLA - Estamos presas?

DAHI - Tenho fome!

48.

Gustavo entra com um pouco de sangue na testa.

GUSTAVO - Ah, mas que plano bom! Que bem pensado!

GISELLE - Está sangrando, não chegue perto de nós e se cubra!

GUSTAVO - Quem quer se aproximar de vocês? Estou de saco cheio, mulheres por todos os lados, mulheres a toda hora.

DAHI - Olá, bombom de morango vermelho vermelho vermelho!

GISELLE - Está sangrando! Eu disse para se cobrir!

GUSTAVO - Daquele lado está tudo bloqueado! Algo caiu em cima de mim!

GISELLE - Mamãe, vovó, vão embora!

GLORIA - Tudo isso acontece porque nos distanciamos de Deus!

GISELLE - O cheiro de sangue é muito forte! Não consigo mais evitar!

DAHI - É que é inevitável!

Dahiana e Giselle o mordem em cada lado do pescoço.

CARLA - Ah que porcas!

GLORIA - Ah, não posso acreditar ... oh meu Deus, eles não podem fazer isso agora."

CARLA - É sério, estão tão quentes assim?

GUSTAVO - Queima!

GLORIA - No inferno é que elas vão queimar!

CARLA - Mãe, não olhe, são animais!

GLORIA - Se não tivéssemos nos afastado de Deus, talvez isso nunca tivesse acontecido. Tinham que ter lido este livro, aprender sua história para não repeti-la.

CARLA - Ah, se a gente soubesse, se a gente soubesse!

Giselle e Dahi param de comer e se levantam, com os olhos cristalinos e a boca cheia de sangue. À medida que seu monólogo progride, apenas a luz do fogo permanece.

GISELLE E DAHI (*em uníssono*) - Que estranho isso tudo. Como poderíamos ter evitado? Não sei. E tudo o que nossos olhos irão ver ainda hoje. Foi assim que vimos cidades inteiras queimar, Roma, Chicago, Londres, Moscou, Moscou minha irmã, Moscou. Já não iremos para Moscou. Também no meu livro havia um incêndio.

GLORIA - Voltemos a ler este livro, voltemos a ler Deus!

GISELLE E DAHI (*em uníssono*) - Os livros são perigosos porque ali se escondem frases perigosas que podem queimar nossas vidas. Porque às vezes você lê o livro certo e isso é bom, mas às vezes você lê o livro errado e isso é ruim. Porque palavras boas e palavras más nos prendem com a mesma rapidez e, uma vez que nos mordem, só podemos nos deixar ser e nos transformar para sempre naquela ideia que lemos por acidente. É por isso que os livros queimam, por isso queimam as bibliotecas, por isso queimam casas e cidades. Por isso queimamos, porque somos perigosas.

GLORIA - Aí está, continuem me ignorando, pois se não se arrependem nessa vida, vão se arrepender na próxima. Tomara que conheçam a Deus, quem dera nunca o tivessem abandonado, se Deus estivesse em suas vidas as coisas funcionariam melhor, funcionariam diferente, funcionariam assim:

A luz começa a se eclipsar.

O fogo se eclipsa.

A fumaça se eclipsa.

TERCEIRA PARTE TERCEIRO ENGANO

AS CRENÇAS

Auto sacramental póstumo

PERSONAGENS

CARLA - Mãe atea

DAHI - Filha freira

GISELLE - Filha muçulmana

GUSTAVO - Ex-marido judeu

GLORIA - Avó indígena

Sala de espera e acompanhantes de velório. À esquerda do palco uma porta que se comunica com um corredor. À direita está outra porta que se comunica com outro corredor. Na sala há uma cruz, uma estrela de David e uma meia lua (símbolo do islamismo). Mesinha com planta seca e brochuras sobre família, celibato e espírito.

49.

Carla está sentada sozinha no espaço vazio.

CARLA - Como vocês sabem, em breve fará 100 anos que nosso antigo país decidiu fundir as três religiões sob o manto do Estado. Quase um século atrás, alguns dirão que um pouco menos ou um pouco mais, nos tornamos a Primeira Teocracia que uniu em um ato de graça, as três religiões monoteístas mais importantes que nossa humanidade conhece. Oh Deus, qualquer um deles, piedade! É assim, e mesmo que para mim seja ruim, nessas terras, como numa sexta-feira 13, as três religiões governam. E os ateus, como eu, embora sejamos uma rara exceção, somos tolerados porque não lhes resta opção. E eu admito que não consegui seguir a ordem, mas meus filhos, por outro lado, levaram adiante a tradição de seus avós e se formaram na adoração de histórias sobrenaturais. Ah, como somos plurais. Religiões, vamos chamá-las. Esta noite, então, tento enterrar meu pai, que, por

não ser batizado sob nenhum credo, é rejeitado pelas leis que me dizem que não posso enterrá-lo e zazs! Meu pai agora não descansa em paz! Por isso, os Templos ou o Estado, todos preocupados, me pedem para cumprir a formalidade burocrática do cadáver de meu pai batizar. Vão se ferrar, eu me neguei, não minto, mesmo sob ameaça de prisão e de empalação. Agora, no meio da confusão, foi-me imposto um último recurso, não acredito, uma última reunião de conciliação e esperança, com três juízes de diferentes filiações religiosas, que sem demora, e por confiança me deixaram escolher. E ao escolher, vim a decidir que seriam minhas filhas e meu ex-marido, que são autoridades nas grades de suas religiões. Que se apiedem das minhas opiniões e me deixem sozinha para enterrar meu pai sem beijar o rabo de nenhum profeta. Mas cuidado, pois ao atingir a meta, chegam meus filhotes contentes, como os três reis magos, entram meus parentes, com ouro, mirra e incenso, para ver se me convenço a enterrar meu pai sob as leis do divino. Agora vou convidá-los a entrar, porque por algum mistério inquietante sem minha autorização não podem adentrar. Adiante!

50.

Entram Dahiana, vestida de freira, Gustavo vestido de rabino e Giselle vestida de muçulmana. Eles são todos vampiros.

DAHI - Olá, Mãe Santa, orai

Sentimos muito pelo seu pai.

Deus criador da maravilha!

Que te deu sua cadeira nesta vida

E nesta partida de sua casa.

Não há problema se você quiser chorar

Se você quiser rir, dormir, rezar...

Já faz muito tempo que nasceste

Mas talvez já te convenceste

De que o criador veio verte

Para te morder e transformar-te

Em uma errante da fé e de minha parte

Eu nem sei mais o que estou dizendo.

Melhor agora nos calemos

Se for verdade, bem mais tarde, descobriremos.

GISELLE - E esse convite? De onde vem?

Quem o traz ou quem o tem?

Isso é algum tipo de sinal?

Isso significa a chegada do juízo final?

Tudo tem seu começo e seu fim

É verdade que o avô nasceu

Mas ele morreu e não descansa em paz

Sobre a face da Terra está a vagar

Porque sua alma sonâmbula ainda está

Ele me visitou três noites

E no meu ouvido sussurrou que quer dormir

E aqui eu tenho que vir

Para morder a carne daquele que nasceu

Mas não morreu

ainda sem vida irei,

O adorarei

O beijarei

e prepararei sua carne para comer.

GUSTAVO - Nunca uma mãe foi tão falha

e em espírito e religião, frustrada

Sua estrela do céu não vem

mas sim caída, vejo bem

em seu olhar podre

nos despreza por sermos diferentes

mas tem inveja de nossos dentes

que sabem defender o rebanho com dentes e unhas

a cada passo somos mais e melhores que uma

não piore sua posição

viemos para salvar a situação
Morreu o criador, meu sogro
o maior de todo o nosso povo;
bem, vejo que é verdade,
vim aqui por caridade.
E se você se mostrar dócil e me ajudar
Como uma boa ex-esposa, quem sabe
Desta, com muita sorte, irá se safar.

CARLA - Ah... Mas quanto ressentimento rimado, quanto veneno separado em sílabas e versos.

DAHI - Mamãe, viemos para te acompanhar e te ajudar.

GISELLE - Mãe, o ritual de conversão nunca é fácil, mas é necessário.

GUSTAVO - Mulher, o silêncio e o respeito são sua única opção.

CARLA - Ah, não rimam mais?

GUSTAVO - Silêncio e respeito.

CARLA - Você fica esquisito com esses cachinhos.

GUSTAVO - Respeito.

CARLA - Cachos?... Caracóis?

GISELLE - Mãe, nós e o papai vamos te ajudar, mas você tem que deixar.

CARLA - Você não sente calor aí dentro?

GISELLE - Mãe, viemos autorizar o enterro do vovô em Terra Santa.

CARLA - Ah, bom, obrigada, até que enfim, já faz uns três anos que estou esperando.

GUSTAVO - É por respeito que pedimos que você faça o que dissermos.

CARLA - Você era mais agradável quando rimava.

DAHI - Mamãe, as rimas de agora pouco foram um presente para nosso avô que gostava de ler.

CARLA - Ah, não se usam mais flores na sua religião?

GISELLE - O segundo presente é para você.

CARLA - Para mim?

DAHI - Mamãe, vamos compartilhar um jantar.

CARLA - Um jantar? Adoro.

GUSTAVO - Um jantar onde compartilharemos o corpo e o sangue de nosso Senhor.

CARLA - Agora sim, meus reis magos, meus religiosos bonequinhos de bolo.

GUSTAVO - Perfeito, vamos fazer isso rápido.

GISELLE - Mãe, agora vamos jantar juntas.

CARLA - Mas vocês trouxeram alguma coisa ou é só vento? Porque eu não trouxe nada.

GUSTAVO - Você não tem que fazer nada, só se deixar comer.

CARLA - Como?

GISELLE - Só comer, só comer, ele disse.

CARLA - Ah bom, então tá.

DAHI - Mamãe ...

GISELLE - Mãe ...

GUSTAVO - Mulher ...

TODOS OS TRÊS - Olhe para nós!

Carla olha para eles e fica hipnotizada.

DAHI - Mamãe, agora a mais nova de suas filhas vai começar a comer.

CARLA - Tudo bem, menina.

DAHI - Vou me servir do seu sangue.

CARLA - Está bem, claro.

DAHI - Preciso que você me convide.

CARLA - Sirva-se. Meu amor.

Carla descobre seu pescoço e uma cruz de madeira pendurada aparece.

DAHI - Merda, ela tem uma cruz!

GISELLE - Ah, não é pra tanto!

DAHI - Não posso, sou uma vampira, mas também sou cristã, uma coisa não exclui a outra, essa cruz a protege!

GISELLE - Deixe comigo então.

Dahi se afasta e Giselle se aproxima.

GISELLE - Mãe.

CARLA - Sim, querida?

GISELLE - Agora a mais velha das suas filhas vai comer.

CARLA - Vá em frente, coma, coma.

Ela vai morder, mas fica sentindo seu cheiro.

GISELLE - Mãe ...

CARLA - Sim, meu amor?

GISELLE - Você comeu alho?

CARLA - Sim.

GISELLE - Merda, a filha da puta comeu alho!

DAHI - E por que ela comeu alho?

GISELLE - Não sei, o fato é que ela comeu.

GUSTAVO - Mas se ela comeu alho não acontece nada com você, a questão é se ela tem um alho.

GISELLE - Bom, ótimo, morde você para ver!

DAHI - Mamãe, por que comeu alho?

CARLA - Todas as manhãs como um alho e uma cebola, é para as defesas e para a pele.

GUSTAVO - Que merda! Eu a mordo.

Tambores altos são ouvidos de fora.

DAHI - O que é isso?

GISELLE - Quem está aí?

GUSTAVO - Mas que merda é essa?

Ao pararem de olhar para Carla, ela sai do transe.

CARLA - O que aconteceu, já comemos?

GUSTAVO - Ah puta que o pariu, vocês pararam de olhar para ela!

GISELLE - Você também parou de olhar para ela!

Soam mais fortes os tambores.

GUSTAVO - Mas que caralho é isso?

CARLA - Ai, a avó!

51.

Gloria aparece pela janela vestida de indígena, mas uma mistura muito estranha de diferentes tribos. Tem uma grande coroa de penas no estilo nativa americana, e riscos vermelhos em seu rosto como dos peles vermelhas. Ela usa túnicas cruas e muitas pulseiras e colares.

GISELLE - A vovó?

DAHI - Nós tínhamos uma avó?

GUSTAVO - Não a chamem de avó.

CARLA - É a avó delas.

GLORIA - Hi!

DAHI - Como assim temos uma avó?

CARLA - Sim, a mãe do seu pai.

GISELLE - É sua mãe?

GUSTAVO - Ela não é minha mãe, é uma herege.

DAHI - Mas eu não entendo...

CARLA - Você não fala com suas filhas? A família de seu pai é descendente de índios ou de outras tribos, eu não sei muito bem, mas me lembrei da avó e taránnn.

GUSTAVO - O que ela faz aqui?

CARLA - Pedi para ela vir, é meu presente pra vocês.

GUSTAVO - Não queremos nenhum presente.

GISELLE - Queremos que ela vá embora.

DAHI - Ah, eu pelo menos vou dizer olá!

Vai até ela.

DAHI - Olá, Vovó!

GLORIA (*tentando enfiar uma estaca em seu coração*) - Codi! Codi! Guaif! Gomalat!

DAHI - Filha da puta, tentou cravar um galho em mim!

GUSTAVO - É uma estaca!

DAHI - Mas que velha de merda!

GLORIA - Datit gualiche... não lembro da fala...

GUSTAVO - O que diz?

CARLA - Diz que são espíritos malignos.

DAHI - Mas por que você a trouxe, mamãe...

CARLA - É a sua avó, tem que estar.

GISELLE - Nunca estive, não vai começar agora.

CARLA - Bem, ela quer dizer uma coisa, e acho importante que vocês a escutem.

GUSTAVO - Somos todos ouvidos.

Silêncio.

CARLA - Avó ...

GLORIA - Gualiche gualiche ...

CARLA - Não... Aff... Fala em português para que entendam.

DAHI (*Soprando a fala*) - Venho resolver o assunto do corpo ...

GLORIA - Venho resolver o assunto do corpo...

GUSTAVO - Ah é? E como?

GLORIA - ...

CARLA - "As terras são minhas"

GLORIA - As terras são suas!

CARLA - Não! Suas!

GLORIA - Não, ah desculpa ... Eu esqueci a fala.

Todos eles começam a rir.

GLORIA - Desculpem, mas eu esqueci o texto...

CARLA - Está tudo bem, Glória. Você foi incrível.

GISELLE - Não! Deixa disso! Continua, continua.

GLORIA - Não, não posso, desculpem, desculpem.

DAHI - Tudo bem, já foi. A terceira parte sempre foi estranha.

CARLA - Bom, tudo bem Glória, foi super bom.

Todos saem das personagens e se acomodam no espaço.

GUSTAVO - Eu delirei hoje, adorei!

CARLA - Sim, foi ótimo!

DAHI - Foi bom, sim!

GLORIA - Desculpem, é que é muito tempo com muitas falas.

CARLA - De qualquer jeito, obrigada, Glória, eu super valorizo o que você está fazendo.

DAHI - Você decorou uma boa parte.

GUSTAVO - Ah, que calor está aqui, não?

DAHI - É, é verdade.

GLORIA - Não sei se vou conseguir continuar fazendo essas coisas esquisitas pra vocês.

GUSTAVO (*tirando um leque e se abanando com gestos bem afetados ou efeminados*) – É que essas roupas, vou te dizer hein... Não dá pra fazer sem a roupa?

CARLA - Não, quanto mais real tudo for, mais impactante é, e te juro que eu fiquei impactada hoje, me ajudou muito...

DAHI - Funcionou para mim também.

GISELLE - Não sabia que eram tão legais essas constelações.

CARLA - É, mas gastaram um tempão comigo, agradeço demais vocês.

GUSTAVO - Ah besta, hoje pra você, amanhã pra nós!

CARLA - Alguém quer um copo de sangue?

GUSTAVO - Eu.

DAHI - Eu.

GISELLE - Traz pra todo mundo!

CARLA - Tá bom.

GISELLE - Ah mas que cagada ter tido esse branco, isso acontece porque você já é uma atriz velhinha.

GLORIA - Velhinha, o caralho! Sou atriz sim, mas é muito texto, muito tempo, vocês me pedem uma mãozinha e depois fico horas aqui, isso sem falar nas coisas que me fazem vestir.

GUSTAVO - Essas penas são maravilhosas.

CARLA - É, é verdade, Gloria, desculpe.

GLORIA - Estão me explorando, não me pagam tanto.

GUSTAVO - Tem um pedindo de aumento chegando.

CARLA - Se é pelo dinheiro, a gente acerta depois, Gloria. Mas hoje logo faltou uma, e por isso pedimos a sua ajuda.

GLORIA - Vocês estão sugando o meu sangue!

DAHI - Haha muito bom, muito bom.

CARLA - Como você chorava hein, maldita!

GISELLE - Ahhh você viu?

GUSTAVO - Sim, para mim até um pouco demais.

GISELLE - O que você está dizendo, idiota? É sério?

CARLA - Não, foi ótimo! Era exatamente o que você queria experimentar, não é?

GISELLE - Sim, é, é que expressar minhas emoções sempre foi difícil pra mim, principalmente a angústia eu guardava, eu a guardava, e foi bom por pra fora. Mas de qualquer maneira não percamos o foco que era pra você.

CARLA - Mas é ótimo que seja bom pra você também, que seja bom pra todos nós!

GUSTAVO - Sim, me fez muito, super bem.

CARLA - Ah besta...

GUSTAVO - Vou te falar, teve uma hora que eu me excitei um pouco, e super acreditei em tudo!

DAHI - Você tava super macho mesmo!

GUSTAVO - Ah, até eu fiquei com tesão em mim, quase me mordo todo.

DAHI - E as constelações são assim mesmo?

CARLA - Não, não faço ideia, fiz uma vez, antes, quando eu era normal e misturei com outras terapias que eu fiz também. Isto não são constelações, isso é uma invenção minha, uma mistura de várias coisas, mas sei lá...

DAHI - Mas é legal, funciona.

CARLA - É, e dizem que pra pessoas como a gente a terapia ortomolecular também funciona muito.

GUSTAVO - Ah, me interessa!

DAHI - Que bobo.

CARLA - Tiram todo o seu sangue, limpam, nutrem e colocam de volta.

GISELLE - E isso não mata você?

CARLA - Não, eles vão fazendo isso pouco a pouco, e isso acalma muito nossa fome.

GUSTAVO - Ah, outro dia eu quase mordeo alguém...

CARLA - Ah não, besta...

GUSTAVO - É que era tão lindo o *abandonado*.

GISELLE - Mas ele era humano?

GUSTAVO - Não, que ser humano que nada, mas quase mordeo ele mesmo assim. Já mordeo uns dois vampiros, não acontece nada com eles.

CARLA - Não, com eles não, mas você pode morrer!

GUSTAVO - Ah mas não engoli, cuspi tudo fora.

GISELLE - Se você me morder e eu arranco seus dentes!

GUSTAVO - Eu não te mordeo, gata, nem que você seja a última humana.

CARLA - Ah, não sinto o gosto de sangue humano há muito tempo!

DAHI - Eu estou passando para o sangue inorgânico.

CARLA - É o que tem de melhor, agora que não resta gente com sangue normal, é o melhor.

GUSTAVO - Tem alguns por aí.

GISELLE - Não, no máximo alguns velhos, como essa aqui (*referindo-se a Glória*), mas esse sangue é melhor não tomar, não há nada pior que sangue velho.

GUSTAVO - O sangue orgânico me faz mal, é uma merda.

CARLA - Bom, quero agradecer a vocês porque isso foi muito bom pra mim, me ajudou a enfrentar algumas coisas do meu pai e dos meus filhos, pra mim ainda é difícil, eu já quase não me lembro deles, foi há milhares de anos, mas isso me ajudou muito.

GISELLE - E você, bestona, mordeu, mordeu hein!

CARLA - É, e valendo, olha só, ela que sempre fala que nunca mordeu ninguém, que não pode, que não consegue!

GUSTAVO - Uma vampirona escondida aí, hein!

DAHI - É, sim, mas também não morde de verdade.

CARLA - Não importa boba, o primeiro passo é fazer assim mesmo, ensaiar, já já você vai tomar coragem de fazer com alguém de verdade.

DAHI - Quando eu tomar coragem, não vai ter mais ninguém.

GISELLE - Não importa, morda gatos ou cachorros como eu, é divertido.

DAHI - Pobres gatos.

Uma sirene soa.

GISELLE - Bem, queridos, muito gostoso o sangue, tudo muito divertido, mas tenho que ir descansar.

GUSTAVO - Sim, todos nós, que já ficou tarde e vai amanhecer.

CARLA - Tenho dois caixões aqui, caso alguém queira ficar.

GUSTAVO - Não, vou voando porque tenho umas coisinhas ainda antes de dormir.

DAHI - Voar me assusta!

CARLA - Já já vamos trabalhar isso, fica tranquila, a próxima constelação vai ser pra você.

GISELLE - Mas não era a minha vez?!

GUSTAVO - Para, para, eu vou morrer, olhem, não podemos sair.

CARLA - Por quê?

GUSTAVO - É lua cheia.

CARLA - Ah, não me diga que você tem medo de lobisomens.

GISELLE - Que menininha!

CARLA - Lobisomens não existem, não seja bobo.

GUSTAVO - Ah, não sei, não sei!

DAHI - Eles não existem, são histórias para assustar vampiros.

GISELLE - Vampiros cagões.

Gloria ri alto, gargalha, os vampiros vão ficando quietos e olhando.

GISELLE - Do que você está rindo?

GLORIA - Há um eclipse hoje, talvez tenha havido um eclipse sempre, talvez nós sejamos o eclipse. Eu os vejo, mais jovens, porém mais velhos do que eu. São de um patético difícil de descrever. Alguém algum dia escreverá sobre vocês. E não tenho certeza ainda se será uma história de terror ou uma comédia. Comédia ou tragédia, o que sei com certeza é que não vai acabar bem. Tanta força, tanto medo, tanta mordida, tanta beleza, tanta juventude, tanta imortalidade pra isso? Morcegos medrosos que se protegem do sol, trocam receitas de sangue vegetal e se ajudam em terapias de grupo para superar seus traumas. Que frouxos, fizeram tão pouco do que se esperava de vocês. Colocaram tudo a perder. Mortos imortais. Esperávamos tanto de vocês e estragaram tudo. Vocês puderam ser a grande evolução, o passo adiante, mas se contentaram em não serem os piores, em não cair muito, em sobreviver. E em suas pequenas reuniõezinhas brincam de ser o que não são, imaginando o que não têm e eu não paro de pensar que vocês são um erro, que fomos devorados por um erro, que vivemos e morremos sob o Império de um erro. Para isso nos exterminaram? Ah, se não existissem, se nunca tivessem existido, tudo seria diferente, tenho certeza. Sem morder o outro, sem usá-lo, sem devorá-lo, sem drená-lo. Talvez vocês sejam apenas um elo de uma longa corrente de sangue. Uma transição pitoresca e engraçada, mas uma simples transição. A qualquer momento, passaremos para a próxima etapa e os morcegos serão um simples passo na cadeia evolutiva, um passo para trás certamente, mas afinal um passo. Vamos esquecê-los, porque logo deixarão de existir. Serão o bicho papão com que assustaremos as crianças, serão uma lenda, uma história, uma fantasia. Sem vocês o mundo será diferente, será melhor, será assim:

Silêncio.

Todos olham para os lados para ver se algo acontece, não acontece nada.

CARLA - Quanto ódio hein?

GISELLE - Eu a morderia só para ela saber o que é bom.

GUSTAVO - Deixa ela, essa aí já não tem mais sangue nas veias.

DAHI - Olhem, o eclipse está começando, vamos...

Vampiros saem.

A luz da cena começa a eclipsar.

52.

GLORIA - E vocês? O que estão olhando para mim aí no escuro?

Que pensamentos sussurram tão alto? Não me julguem.

Já conferiram seus pescoços? Não sentem algo na ponta dos dentes?

Não sentem fome?

Morder ou ser mordido.

Essa é a questão.

A luz se eclipsa totalmente. Apagão.

Fim de Festejam a Mentira.

EPÍLOGO

GISELLE: Eu estou nervosa porque nunca tinha contado a história que contei pra vocês esta noite. Mas, de certa maneira, faz parte da minha natureza narrar isso. Carrego isso, como dizem, no meu sangue. Quando meu avô, meu avô morreu... desculpa... Ele me deixou uma herança com a qual minha família criou a fundação Brausen... A primeira vez que pensei que poderia fazer uma peça com esse dinheiro foi logo depois de ler esta carta do meu avô. Quando meu avô contava histórias, ele as contava diferente, as contava melhor, as contava assim:

Olá, neta. Minha querida neta. Vou morrer e por isso te escrevo esta carta. Quando você ler, provavelmente já estarei morto, mas não há nada com o que se preocupar, com certeza será uma morte normal, tranquila e em paz. Tive uma vida maravilhosa, cheia de prazeres e oportunidades e morrer será uma boa maneira de finalizá-la. Certamente já descobriu sobre a herança que deixo para você. Mas gostaria que não se confundisse, porque minha herança é outra. Ficam contigo as minhas histórias. Todas as histórias que você tanto gostava e que tantas vezes te contei. Histórias de religiões, revoluções, de monstros e vampiros. Como você gostava das histórias de vampiros! Contigo vai ficar isso e um pouco mais. Por exemplo, e por falar em vampiros, o sangue. O sangue que nos dá vida, que nos alimenta, que nos separa em classes, aquele sangue que te sustenta por dentro, guardada, protegida. Nesse momento esse sangue corre sem parar, se move de cima abaixo, flui, dinâmico, incansável, imparável. E o dinheiro que deixo para você, querida neta, é o sangue do nosso tempo. Todos querem ser felizes e a felicidade é sangue e sangue é dinheiro. Que piada cruel nós preparamos hein. Pensavam que falávamos sobre a vida, a morte, o sangue, mas falávamos o tempo todo de dinheiro. Nós os enganamos e eles festejaram o engano, mas você está prestes a acreditar que isso é verdade, que eles te amam e que seu carinho, seus aplausos, seus sorrisos são verdadeiros. Mas são mentiras. Se quiser, festeje as mentiras deles, mas não acredite nelas. Assim, sempre precisarão de você. Deixo-lhe dinheiro o suficiente para que os pequenos morcegos do mundo drenem você por vários anos. Viciando-os com um vírus que não tem cura, porque não viemos curá-los de nada, mas sim infectá-los de tudo. E assim, abusando de nossa condição, submetendo-nos, mordendo-nos, drenando-nos, seremos imortais. Você se surpreenderá vendo até que ponto uma pessoa é capaz de se humilhar quando você tem o que ela deseja. A humilhação, essa é a nossa herança, esse é o meu legado. Que você o desfrute com dor. Ama você. O Avô.

Eclipsa a luz no rosto dos atores.

Eclipsa a nossa dignidade.

Eclipsa o espetáculo.

Apagão.

Fim de IF - Festejam a Mentira.